



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Ciências Sociais (ICS)
Departamento de Sociologia

Christian Caetano de Lima

Movidos pelo ódio: a machosfera e o desejo de supremacia masculina

Brasília (DF)

2023



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Ciências Sociais (ICS)
Departamento de Sociologia

Christian Caetano de Lima

Movidos pelo ódio: a machosfera e o desejo de supremacia masculina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais (ICS/UnB), com objetivo de concluir a graduação no curso de Sociologia (Bacharel).

Orientadora: Dr.^a Tânia Mara Campos de Almeida

Brasília (DF)

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que estiveram ao meu lado e que cruzaram meu caminho durante a graduação, todas elas me ajudaram a continuar no ensino superior e foram fontes de experiências enriquecedoras e conhecimentos compartilhados.

Eu sou grato a todas as amigas que conheci e mantive na Universidade de Brasília (UnB) e nos estágios que realizei. Chego ao final da graduação sabendo que vivenciei um desenvolvimento significativo como estudante, como profissional e também como pessoa. Ter amigas e amigos para compartilhar os cansaços acadêmicos, as angústias existenciais e as felicidades cotidianas foi parte essencial para manter minha sanidade mental e tornar os dias mais leves.

Gostaria de expressar minha gratidão à professora e orientadora deste trabalho de conclusão de curso, Dr.a Tânia Mara Campos de Almeida. Tânia é uma renomada pesquisadora, cujos temas de pesquisa e trabalhos publicados são de grande relevância e pelos quais tenho profunda admiração. Ao longo do processo de orientação, ela sempre manteve uma postura acolhedora, paciente, disposta e disponível. Com toda certeza, Tânia é uma docente de excelência.

Um enorme agradecimento para a pessoa mais especial em todo esse percurso: Elcimar Edir Caetano, a minha mãe. Ela foi e continua sendo uma grande fonte de admiração e de inspiração para mim. Durante a minha graduação, ela sempre esteve disposta a conversar, sempre torcendo por mim e também se alegrando com as minhas conquistas. Agradeço demais.

Por fim, agradeço também ao leitor ou leitora que se interessou por minha monografia. Espero que esse trabalho seja útil, interessante ou que desperte alguma curiosidade em você. Desejo que ele possa servir de alguma forma. Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a mentalidade, o funcionamento e a atuação virtual de indivíduos dentro da "machosfera", isto é, busca explorar e compreender os espaços criados e frequentados por homens que se reconhecem como masculinistas. Fornece tanto um panorama mais geral sobre o assunto como também apresenta algumas especificidades do cenário brasileiro. Para a realização da pesquisa, foi necessário acessar grupos no *facebook*, analisar perfis no *instagram* e acompanhar canais de *YouTube* e *podcasts* de influenciadores masculinistas. Dessa forma, a etnografia virtual foi o principal meio utilizado para viabilizar a coleta de dados e de informações pertinentes para esse estudo. Os achados da pesquisa corroboram com o entendimento de que o masculinismo – e os subgrupos que o circunscrevem – são fenômenos sociais que prezam por uma supremacia masculina e pela manutenção do poder patriarcal. Na machosfera brasileira, foi possível identificar que o principal foco desses homens é promover e compartilhar discursos antifeministas, misóginos e politicamente conservadores. Por fim, o trabalho também discute como o masculinismo é um esforço digital para a manutenção de uma masculinidade que preza pelo domínio.

Palavras-chave: masculinismo; antifeminismo; misoginia; discursos de ódio; redes sociais.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Saint Elliot Day.....	26
Imagem 02 - Captura de tela do Dogolachan (01).....	26
Imagem 03 - Captura de tela do Dogolachan (02).....	27
Imagem 04 - O homem <i>blue pill</i> (01).....	30
Imagem 05 - O homem <i>blue pill</i> (02).....	30
Imagem 06 - O homem <i>alpha</i>	31
Imagem 07 - <i>Blue Pill versus Red Pill</i>	32
Imagem 08 - O <i>MGTOW</i>	34
Imagem 09 - A desqualificação das mulheres pelo “passado de hipergamia feminina”.....	44
Imagem 10 - Mãe Solteira (MSol), vista como interesseira e dependente de homens (01)....	45
Imagem 11 - Mãe Solteira (MSol), vista como interesseira e dependente de homens (02)....	45
Imagem 12 - Ofensiva contra mulheres ditas modernas.....	46
Imagem 13 - A suposta misandria feminista.....	46
Imagem 14 - Ataque ao movimento feminista.....	47
Imagem 15 - Evolução histórica da busca por grupos masculinistas no <i>Google</i> Brasil.....	50

SUMÁRIO

1. Introdução.....	07
2. Pesquisando na machosfera.....	09
2.1. Explicando o percurso.....	09
3. Masculinismo: da libertação para a defesa dos direitos dos homens.....	12
4. Movimento masculinista: ideologia de ódio, violência e morte.....	19
4.1 Filosofia das Pílulas: Betas <i>versus</i> Alfas.....	28
4.2 <i>MGTOWs</i> : Homens que seguem o seu próprio caminho.....	33
4.3. <i>Pick-Up Artists</i> : Artistas da Sedução.....	35
4.4 <i>Incels</i> : Celibatários Involuntários.....	37
5. Masculinistas e a machosfera no Brasil.....	40
6. Considerações finais.....	53
7. Referências bibliográficas.....	57
7.1. Arquivos e <i>links</i> de masculinistas mencionados neste trabalho.....	62

1. Introdução

O tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu após uma conversa cotidiana com uma amiga na universidade. Na época, ela estava casada com um homem e eu acompanhava este relacionamento a partir dos relatos dela. Em um dado momento do nosso diálogo, esta colega me contou que seu marido tinha resolvido virar "influenciador", ele havia criado um canal no *YouTube*. Segundo ela, o canal do seu companheiro abordava questões filosóficas, discutia um novo olhar acerca do Evangelho e também tratava sobre o "masculinismo".

Ainda naquele ano, conheci presencialmente o marido da minha amiga. E, em algum período da nossa conversa, ele chegou até o tema "masculinismo". Esboçou uma tentativa de explicação (e de defesa) sobre este movimento. Segundo ele, o movimento masculinista é uma contraposição ao movimento feminista, homens que estão reivindicando os seus direitos e lutando por uma sociedade que seja justa para eles. No geral, ele parecia estar convicto de que homens sofriam com algum tipo de injustiça social invisível pelo qual o movimento masculinista visava corrigir.

Para compreender melhor do que se tratava esse movimento de direitos masculinos, resolvi assistir e acompanhar os vídeos publicados por ele no *YouTube*. Havia vídeos em que ele se propunha a analisar e detalhar o "verdadeiro comportamento feminino", outros que ele estava preocupado em descrever os "tipos ideais de mulheres" para evitar ou para investir em um relacionamento e também vídeos que o único objetivo era ridicularizar e debochar de mulheres "modernas demais".

Ele não se restringia a falar apenas sobre mulheres, havia vídeos – com teor bastante alarmista e conspiracionista – em que criticava ações, agendas e figuras da esquerda progressista brasileira. E, em outros vídeos, ele denunciava o movimento feminista e a comunidade LGBTQIA+¹, pois, segundo ele, estes movimentos sociais querem acabar com os homens e degenerar a sociedade contemporânea. O canal do *YouTube* dele era uma mistura de misoginia², conservadorismo político e fundamentalismo religioso.

¹ A sigla engloba diferentes identidades sexuais e de gênero, tais como: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, interssexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes. Desde os anos 60-70, a comunidade LGBTQIA+ se organiza para reivindicar cidadania plena e direitos civis básicos – pois, historicamente, essas pessoas sofreram (e ainda sofrem) com violências, discriminações e apagamentos na esfera social e política.

² Práticas, discursos e comportamentos que visam vigiar e fazer valer a subordinação das mulheres e manter a dominação masculina – ações que visam garantir uma ordem social do tipo patriarcal (Valente, 2023, p. 09 *apud* Manne, 2019, p. 32).

Esse homem via a si mesmo como uma espécie de mídia alternativa que tentava alertar os seus seguidores sobre a "real condição" do homem moderno e desmascarar os "absurdos" do cenário político contemporâneo. Como um verdadeiro *outsider* que enxergava o caos, a desonestidade e as injustiças sociais arquitetadas pela esquerda e pelas feministas. A minha amiga, com o passar do tempo, encerrou o relacionamento com esta pessoa e eu não tive mais contato com o tal "influenciador masculinista". Porém, a minha curiosidade acerca do fenômeno masculinismo se manteve, tanto que se tornou o objeto de estudo deste trabalho.

Embarquei, ao longo de 2022-2023, por uma investigação sociológica para saber: o que é e de onde veio o masculinismo; quais motivos levam homens a adotar esse tipo de ideologia para si; quais são as principais reivindicações, argumentos e temas debatidos e trabalhados por este movimento; como e onde os masculinistas se organizam; quais foram os principais feitos deste movimento; quais são as gramáticas nativas que percorrem esta "filosofia"³; entre outras indagações e curiosidades acadêmicas sobre este fenômeno social. Assim, grosso modo, esse trabalho de conclusão de curso apresenta a minha trajetória na tentativa de compreender o masculinismo, os subgrupos que o compõem e a "machosfera"⁴ digital, com ênfase no contexto brasileiro.

Nessa primeira parte do trabalho, foi explicado como cheguei até o tema de pesquisa e objeto de estudo. Na segunda parte, abordo como se deu a minha trajetória de pesquisa dentro da machosfera brasileira. Na terceira parte, que se caracteriza por um perfil exploratório e de reunião de referências bibliográficas centrais, investiguei como surgiu e se desenvolveu o masculinismo. Na quarta parte, examino a relação entre a machosfera, os discursos de ódio e a violência contra as mulheres⁵, além de explorar os motivos pelos quais o masculinismo representa uma ideologia supremacista masculina. Na quinta parte, há uma tentativa de mapear os passos virtuais dos masculinistas no Brasil, rastrear tanto os próprios grupos *on-line* quanto como esses subgrupos masculinistas passam a ter relevância no cenário midiático brasileiro. E, por fim, apresento as considerações finais com conclusões preliminares sobre a mentalidade e o *modus operandi* do masculinismo.

³ Ao longo deste trabalho, a utilização do termo "filosofia" em nada está relacionado a área de conhecimento acadêmico. Os masculinistas compreendem o masculinismo – e tudo que ronda este universo – como filosofia apenas em seu sentido vulgar, ou seja, como um estilo de vida, um conjunto de hábitos a ser adotado pelos indivíduos ou um agrupamento de práticas para aprimorar o autoconhecimento.

⁴ Redes e comunidades virtuais, feitas por homens e para homens, que possuem algum grau de proximidade com o masculinismo. A machosfera, que pretendia formar um espaço de fortalecimento masculino e para que homens pudessem discutir sobre assuntos que os atravessam, transformou-se em um ambiente altamente misógino e de propagação de discursos de ódio.

⁵ Para este trabalho, adotou-se como significado de "violência contra mulher" a seguinte definição: "qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado" (Brasil, 1996; Brasil, 2003).

2. Pesquisando na machosfera

Antes de avançar nos achados deste estudo, vale uma breve contextualização sobre pesquisas em ambientes digitais. O presente trabalho se trata de uma etnografia virtual, isto é, a investigação concentrou-se no ciberespaço – especificamente na machosfera – em que estive apenas como um observador das movimentações, dinâmicas, práticas e expressões dessas comunidades virtuais masculinistas. O período de investigação perdurou entre março/2022 até setembro/2023.

Os espaços digitais são uma faceta importante da vida social contemporânea, pois são capazes de criar e/ou ampliar interações, crenças, rituais, práticas e modos de ser e estar no mundo. Assim, é por meio da machosfera que os homens tentam atualizar as suas identidades masculinas, renovar os votos com o patriarcado e resistir às mudanças sociais e políticas que apresentam tons progressistas.

Para uma etnografia digital, as redes sociais e os espaços de interações virtuais funcionam como o campo de pesquisa e possibilitam coletar dados sobre o fenômeno estudado. Para esse trabalho foi feita uma observação oculta na machosfera, ou seja, onde o pesquisador observou o campo sem interferir de maneira significativa nas práticas e nas interações digitais estudadas (Ferraz, 2019; Miller; Horst, 2015; Pereira; Mendes, 2020).

Durante a minha pesquisa, foi comum observar membros de grupos masculinistas alertando sobre os "infiltrados" em suas comunidades. Essa categoria refere-se a pessoas que, segundo eles, estão ali apenas para coletar informações e/ou denunciar a machosfera. Dessa forma, na categoria nativa do masculinismo virtual, acredito que eu – como pesquisador – poderia ser classificado como um infiltrado.

A minha investigação mapeou quais locais da *internet* os masculinistas estavam concentrados e ativos. Ingressei em tais espaços, observei a interação entre os membros da machosfera e analisei os materiais (textos, vídeos, áudios e imagens) que esses indivíduos produziram e compartilharam durante o período analisado. Dessa forma, visava apreender a mentalidade, o *modus operandi* e a lógica interna desses subgrupos masculinistas.

Dado o contexto mencionado acima, no próximo item, explico melhor como se deu o desenvolvimento do trabalho de campo.

2.1. Explicando o percurso

Com interesse em investigar o masculinismo – pensando em seu potencial como objeto de pesquisa científica – comecei a buscar a machosfera no *facebook*, isto é, as

comunidades virtuais masculinistas presentes nesta rede social. Para encontrá-los, usei palavras-chave no buscador desta rede social, tais como: "masculinismo", "machosfera", "*red pill*", "homem *alpha*/alfa", "*mgtows*", "*pick-up artists*", "artistas da sedução" e "*incels*". Optei por essas palavras-chave para localizar as comunidades masculinistas, visto que são termos que aparecem com muita frequência nos artigos e publicações relacionados ao tema. Em um primeiro momento, encontrei centenas de grupos brasileiros – abertos e fechados – que correspondiam à busca. Compreendi que eram grupos brasileiros pelo idioma, pelas referências usadas nas publicações e pelo próprio perfil pessoal dos usuários que estavam inseridos nestas comunidades – a maioria destes usuários informavam o nome da cidade/estado em que moram no próprio *facebook*.

Ingressei nas comunidades que estavam ativas, ou seja, aquelas que tinham publicações e interações recentes entre os membros do grupo. Entre 2022 e 2023, estive participando e monitorando cerca de trinta grupos masculinistas no *facebook*. Alguns contavam com baixo engajamento e pouca aderência de usuários e outros, pelo contrário, eram alimentados por dezenas de publicações diárias, apresentavam intensa interação entre os membros e contabilizam milhares de usuários.

Os grupos levam nomes variados, tais como: "*MGTOW - A Evolução Masculina*", "*Red Pill - Salvando Vidas Masculinas*" e "O Profano Feminino (Grupo Masculinista *Red Pill*)", entre outros. Os nomes são variados, embora de inspiração ou replicação estadunidense – país onde a machosfera surgiu inicialmente. Também mantém um padrão semelhante de atuação entre eles, tanto os do exterior⁶ como os nacionais, ambos agem com o mesmo *modus operandi*. Usuários que compartilham relatos escritos, imagens e vídeos com alto teor de misoginia, conservadorismo, conteúdo conspiracionista e discursos de ódio.

Na minha pesquisa imersiva nestes grupos masculinistas, alguns tópicos de discussão começaram a aparecer com considerável frequência, tanto eram mais frequentes quanto eram publicações que tinham maior engajamento (comentários e reações) por parte dos membros brasileiros. Entre os temas que pareciam agitar a machosfera brasileira no *facebook* estavam: ridicularizar e criticar o passado pessoal das mulheres; desqualificar as mães solteiras (MSol) como mulheres irresponsáveis e desesperadas por homens que possam sustentá-las com seus filhos; alertar sobre o caráter interesseiro e manipulador das mulheres nos relacionamentos amorosos; e tecer críticas ao(s) feminismo(s), associando-o(s) à "cultura misândrica" – isto é, o movimento feminista seria a fonte das injustiças contra os homens e do suposto declínio da

⁶ Afirmo isso com base em algumas literaturas internacionais que investigam subgrupos masculinistas em comunidades do *facebook* e demais redes sociais.

sociedade contemporânea. Conforme já mencionado e reafirmado pelo filólogo espanhol Herrera (2022), esse tipo de comportamento e discurso produzido pelos masculinistas nos ambientes virtuais – de natureza antifeminista, misógina e conservadora – tem por objetivo resistir às mudanças dos papéis de gênero, a fim de não modificar as estruturas de poder e de privilégios patriarcais.

No *facebook*, também tive acesso aos materiais de referência destes usuários, eles compartilhavam arquivos e vídeos de influenciadores masculinistas – isto é, de indivíduos que representam, norteiam e reforçam a visão de mundo da machosfera. Dessa forma, decidi analisar também os influenciadores, seguindo as pistas do sociólogo Kimmel (2013), pois eles atuam como representantes autorizados do masculinismo, ou seja, a mentalidade masculinista encontra-se condensada e publicamente externalizada na figura destes indivíduos. E, por conta dos influenciadores, a minha pesquisa passou a estar também em outras redes sociais e plataformas virtuais, tais como: *Instagram*, *TikTok*, *YouTube* e canais de *podcasts*. Eu analisei uma série de áudios, vídeos e *e-books* publicados e/ou recomendados por eles, tais como: "*The Rational Male*" (Tomassi, 2013); "O Manual Antiotário" (Aires, 2017); "Atitude Alfa" (canal no *YouTube*); "*RedCast*" (canal de *podcast*); entre outros materiais, conteúdos e contas *on-line* masculinistas.

Assim, ao longo de meses, estive imerso no mundo virtual do masculinismo brasileiro: em grupos e comunidades do *facebook*, analisando perfis de *instagram*, assistindo vídeos publicados no *YouTube* e escutando *podcasts*. Uma análise a partir de múltiplas plataformas que me permitiu obter uma compreensão mais significativa de como a machosfera funciona, pensa e se articula. E, parte desses achados, estão apresentados nas próximas páginas desta monografia.

A próxima seção deste trabalho trata-se de uma revisão de literatura acerca do surgimento e do desenvolvimento do masculinismo e da machosfera – de um movimento pela "liberdade dos homens" para um de reivindicações dos "direitos dos homens", convertendo-se para os ambientes virtuais. Esse fenômeno teve início nos Estados Unidos e depois se difundiu para outros países, como o Brasil.

Vale apontar que, a partir das seções seguintes, há reprodução de imagens extraídas da machosfera (no *facebook* e *instagram*) e de perfis masculinistas, optou-se por inseri-las neste trabalho visto que estes homens estão se comunicando com muita frequência por recursos visuais, pois são mais fáceis de apreensão e de compartilhamento. É a partir desses recursos verbais e visuais, dentro da machosfera, que os masculinistas atualizam as práticas de misoginia.

3. Masculinismo: da libertação para a defesa dos direitos dos homens

Nas décadas de 1970-80, especialmente nos Estados Unidos, os estudos e avanços dos movimentos feministas desencadearam mudanças significativas nas relações entre homens e mulheres. Neste período, viu-se um crescente desenvolvimento de leis, discussões e apoio à maior participação feminina nos espaços públicos e privados, possibilitando com que as mulheres pudessem se preparar, competir e concorrer com homens para cargos eleitorais, postos de trabalho, decisões sobre sua própria autonomia financeira, entre outros – mesmo que ainda seja um panorama muito distante de situações de equidade e justiça entre os gêneros. Assim, com mudanças drásticas nos papéis de gênero e com o avançar das conquistas femininas, instalou-se uma crise da masculinidade – ou, melhor, uma crise da identidade masculina. O cenário desse período já não permitia a estabilidade e a manutenção do mito do poder masculino como valor natural e assegurado, pois os questionamentos feministas abalaram as certezas dos homens (Nascimento, 2018; Trevisan, 1998; Volks, 2021).

Nessa época, as produções teóricas e ativistas feministas teciam críticas às formas tradicionais de feminilidade e colocavam em questão como os papéis habituais femininos eram prejudiciais, secundários e discriminatórios para as mulheres. Dado esse cenário, começaram também a fomentar reflexões e ponderações sobre a condição e o papel da masculinidade. Os homens passaram a produzir uma série de críticas às formas tradicionais de ser e estar no mundo. Para eles, não era mais saudável ser um homem tradicional, pois significava suprimir os seus sentimentos, distanciar-se de suas relações pessoais, negligenciar o autocuidado e dedicar grande parte da sua vida em expectativas de sucesso profissional e financeiro.

Neste contexto, de instabilidade da identidade masculina, nasceu o "movimento de libertação dos homens" – agrupamento de homens que compreendiam que os papéis e as representações patriarcais de gênero oprimiam tanto mulheres quanto homens. Para esses indivíduos, era necessário livrar os homens das posições e lugares simbólicos tradicionais associados ao masculino. Acerca do surgimento deste movimento, Kimmel (2013) explica:

O movimento de “libertação dos homens” nasceu de uma crítica paralela ao papel sexual masculino. Se as mulheres eram aprisionadas em casa com todos os trabalhos domésticos e penosos da vida privada, os homens eram exilados de casa, transformados em trabalhadores robóticos sem alma e atrelados a uma mística masculina, de modo que a sua única capacidade de nutrição era através das suas carteiras. Assim, se as mulheres foram rebaixadas ao reino dos sentimentos; os homens foram relegados a uma personalidade pública onde o seu sucesso dependia

da supressão da emoção [...] As mulheres e homens eram igualmente oprimidos pelos papéis sexuais tradicionais. Os primeiros "libertadores dos homens" afirmam terem sido inspirados pelos mesmos esforços emancipatórios das mulheres. (local. 108)

Assim, a partir de 1980, viu-se grupos de homens cada vez mais interessados na elaboração de uma nova forma de ser e de estar no mundo, buscavam outras possibilidades identitárias e reavaliavam suas práticas, pensamentos e sentimentos anteriormente consolidados. Grosso modo, estes homens passaram a ser conhecidos como "masculinistas", indivíduos que almejam novas formas de ser, de se reconhecer e de se compreender na sociedade – (re)pensando as categorias homem, masculinidade e virilidade, sem se verem necessariamente superiores às mulheres. A dificuldade estava em que modelo seguir. Se, antes, o homem tentava guiar a sua personalidade a partir de um único modelo, agora, encontrava-se perdido na própria possibilidade de elaborar uma nova identidade para si. Parecia estar em curso a crise da identidade masculina (Voks, 2021).

O movimento de libertação dos homens tinha uma certeza: os homens eram infelizes, especialmente devido à pressão excessiva para serem bem-sucedidos e pela ausência de vínculos profundos nas suas relações pessoais. Kimmel (2013) informa que não demorou muito e o movimento libertário dos homens fragmentou-se em duas principais vertentes: de um lado, reuniram-se homens que passaram a defender ideais conservadores, machistas e tradicionais; e, no outro lado, homens ditos pró-feministas com pretensões mais progressistas e igualitárias em relação às relações de gênero. Acerca deste último grupo mencionado, o sociólogo explica que:

Para os pró-feministas, as exigências das mulheres para entrarem no mercado de trabalho significava que os homens não precisavam apostar a sua identidade apenas no sucesso vinculado ao trabalho. Os esforços das mulheres para equilibrar a vida profissional e familiar permitiria aos homens restabelecerem a ligação com os seus filhos e parceiras/os [...] Descobriu-se que a visão feminista de plena igualdade e justiça de gênero poderia não ser uma coisa tão má para os homens – na verdade, poderia ser a própria teoria política que nós (incluo-me entre eles) estávamos à procura (*Ibid.*, local. 111).

Nos anos de 1990, os masculinistas de tom conservador fundaram o "Movimento pelos Direitos dos Homens"⁷. Se nas primeiras reflexões trazidas pelos grupos de "libertação dos homens" os papéis e as representações tradicionais masculinas eram consideradas nocivas e opressivas para os homens, agora, nesta nova etapa do movimento, a principal

⁷ O Movimento pelos Direitos dos Homens teve início nos Estados Unidos. Por esse motivo, o nome original do movimento é "*Men's Rights Movement*" (MRM) ou "*Men's Rights Activists*" (MRAs).

responsabilidade pelo sofrimento masculino é atribuído "às reivindicações de igualdade das mulheres, o empoderamento feminino e o feminismo" (Kimmel, 2013, local. 112).

Quais eram as principais reivindicações dos ativistas pelos direitos dos homens? Ainda seguindo os achados de Kimmel (2013), o autor aponta algumas das principais pautas reivindicatórias trazidas por tais indivíduos em sua pesquisa, sendo elas: **a.** evidenciar que o feminismo é prejudicial aos homens, pois esse movimento reforça as diferenças entre os sexos e cria um cenário de guerra contra os homens; **b.** acabar com os estereótipos negativos acerca do masculino promovidos pela mídia, pois os veículos midiáticos criam narrativas em que os homens são vistos como irresponsáveis, desleixados, sexualmente promíscuos, brutais e/ou potencialmente criminosos; **c.** interromper com o imaginário social de que os homens são prováveis agressores e/ou violentadores sexuais; **d.** aumentar o investimento na educação masculina, garantindo com que os homens tenham melhores desempenhos educacionais e menores taxas de evasão escolar; **e.** tornar os programas governamentais mais neutros em termos de gênero, acreditam que há grandes investimentos de dinheiro público em programas específicos para as mulheres – o mesmo não ocorreria para os homens; **f.** parar de reforçar os papéis tradicionais masculinos, deve-se minar as expectativas impositivas de que homens sejam provedores, protetores e bem-sucedidos – para eles, tais expectativas podem causar grande estresse e sofrimento aos homens; **g.** garantir os direitos para o exercício ativo da paternidade, acreditam que o sistema judiciário é tendencioso em favor das mulheres e acaba por prejudicar os homens que buscam manter uma paternidade ativa⁸; e entre outras tantas reivindicações masculinistas.

Ainda que décadas tenham transcorrido da constituição desse perfil conservador dos masculinistas, esse sentimento de "desprezo social generalizado aos homens" pode ser identificado em uma publicação recente de um *blog* brasileiro reacionário e alinhado com o masculinismo:

Possivelmente, nunca antes na história da humanidade foi tão difícil ser homem. Ser homem é ser constantemente ridicularizado, odiado, hostilizado e responsabilizado por todas as coisas erradas que acontecem no mundo. Se você é homem, teve que se acostumar a ser demonizado e vilipendiado pela mídia *mainstream*, praticamente, vinte e quatro horas por dia. Você é odiado pelo simples fato de pertencer ao gênero masculino da espécie humana. Você é machista, sexista, opressor, um esturador em potencial. A sociedade deve ter cautela quando lida com você, porque você comete a terrível ofensa de ser um homem [...] De repente, acordamos no século XXI, e o

⁸ O sociólogo Kimmel (2013) informa que muitos desses grupos que se aglutinam em torno dos direitos pela paternidade, na realidade, são homens que travam batalhas judiciais para se vingar das suas ex-companheiras e do movimento feminista. Eles acreditam também que estão travando uma guerra contra um Estado "ginocentrista", pois, para tais indivíduos, o processo de divórcio e de custódia são sempre desfavoráveis aos homens. Para saber mais sobre a articulação destes grupos, consultar o capítulo "*Angry White Dads*".

que antes era algo natural – ser homem, o macho da espécie humana – passou a ser um crime hediondo, pérfido, ofensivo, passível de punição (Hertzog, 2022).

Rapidamente, a grande parte dos grupos libertários masculinos transitaram de uma tentativa de refletir e revisar a sua identidade de gênero para se declararem como as principais vítimas da sociedade contemporânea. De alguma forma, as ansiedades e os problemas que angustiavam esses homens – como a sensação de identidade e de direitos civis que estavam sendo perdidos – passaram a ter as mulheres como alvo principal de suas queixas e acusações (Volks, 2021). Para eles, o feminismo era uma ideologia de ódio e de desprezo aos homens e, por isso, precisavam articular uma guerra contra as mulheres, posicionar-se contra os avanços sociais favoráveis a elas e tentar frear políticas que prezam por uma sociedade mais equilibrada e justa entre os gêneros.

Neste contexto, inaugurou-se o contraponto ao feminismo, movimento que ficou conhecido como "masculinismo". Uma ideologia baseada em evidenciar a vitimização masculina, criar teorias da conspiração e atacar os seus inimigos (sendo eles: o feminismo, os avanços das mulheres e as agendas de grupos política e sexualmente minorizados). A correlação entre o sentimento de perda da identidade masculina e a ideologia de ódio do masculinismo foi bem traduzida pelo jornalista Trevisan (1998):

Em outras palavras, processa-se um deslocamento emocional visando defender, através do ataque, a própria identidade masculina prestes a se romper, quando o homem sente que não pode cumprir as tarefas impostas à sua virilidade. É claro que o feminino torna-se o alvo predileto, porque é [visto como o] oposto do macho humano [...] Há uma sensação de derrota incontrolável: afinal, "é horrendo o desespero que o homem sente quando o senso de si mesmo é arrancado" (p. 81)

Desse modo, vê-se que a ideologia masculinista está recheada de contradições, mas sempre colocando as mulheres no centro de suas críticas: por vezes, estes homens são contra as mulheres "tradicionais", pois julgam que elas são naturalmente interesseiras, colando nos homens e se aproveitando de todo o trabalho masculino. Porém, também se posicionam contra as feministas, pois acreditam que essas mulheres querem ocupar e disputar espaços "naturalmente masculinos" – como o mercado de trabalho e o espaço político, por exemplo. Para eles, as feministas "são castradoras que têm uma aversão obsessiva a qualquer coisa masculina" (Kimmel, 2013, local. 115).

Outra contradição reside na própria compreensão acerca de quais caminhos a masculinidade deve tomar: alguns indivíduos masculinistas desejam recuperar o tradicionalismo, o domínio masculino e o sistema patriarcal, pois esses elementos teriam sido perdidos na contemporaneidade; e outros querem se afastar dos modelos convencionais de masculinidade, pois sentem que tais padrões tradicionais os oprimem e causam danos aos

homens. Dessa forma, "os defensores dos direitos dos homens não sabem se querem ser patriarcas restaurados ou homens libertados. Como resultado, os seus sites e panfletos ficam entupidos de gritos de angústia, confusão e dor" (Kimmel, 2013, local. 113).

O argumento central do masculinismo é de que a masculinidade e os homens estão sob forte ameaça. Alegam que as mudanças sociais – especialmente aquelas promovidas via reivindicações das mulheres e das feministas – tiveram sucesso em retirar os direitos dos homens e em degenerar a identidade masculina. Assim, os adeptos do masculinismo, atualmente nomeados também por masculinistas e aqui referenciados por ambas as designações⁹, querem ir para a arena de disputa social e política a fim de: (re)conquistar a masculinidade, recuperar os direitos que acreditam terem sido perdidos e garantir a manutenção da supremacia masculina. A partir do exposto até aqui, é possível definir o masculinismo como um movimento de (e para) homens ressentidos pelas novas dinâmicas sociais e sexuais.

Com o advento da *internet*, o movimento de direitos dos homens – os masculinistas – passaram a ocupar preferencialmente o ciberespaço, em uma comunidade denominada de "machosfera"¹⁰. A machosfera é um conjunto de espaços virtuais de associação e de apoio exclusivo para machos. Esses ambientes – de e para homens – expandem e ramificam-se para diversas redes sociais, fóruns, *blogs* e plataformas digitais. A machosfera, inicialmente concebida como espaço de fortalecimento masculino e para que homens pudessem discutir sobre assuntos que os atravessam, transformou-se rapidamente em um ambiente altamente misógino e de propagação de discursos de ódio contra as mulheres.

Assim, a machosfera pode ser definida como comunidades virtuais disfarçadas de autoajuda masculina que, na realidade, servem como núcleos propagadores de violência contra as mulheres e demais grupos sexual ou politicamente minorizados. Os masculinistas não se limitam a atacar apenas as mulheres, mas um conjunto de grupos que seriam considerados os "outros", tais como: pessoas LGBTQIA+, grupos de imigrantes e indivíduos ligados à esquerda política (Amato; Fuchs, 2022).

⁹ Nas próximas páginas, utilizo os termos "masculinistas", "adeptos ao masculinismo" ou "frequentadores da machosfera" para designar todos os indivíduos que estão alinhados ideologicamente com o masculinismo. E quando faço uso da expressão "subgrupos masculinistas" estou fazendo referência aos grupos que estão sob o manto do masculinismo (*MGTOWs*, *Pick-Up Artists*, *Incels*, etc.).

¹⁰ Há também a expressão "manosfera" para se referir a esse fenômeno de grupos virtuais masculinistas. Neste trabalho, optou-se por utilizar o termo "machosfera", pois foi a palavra mais comum encontrada nas comunidades masculinistas brasileiras.

O termo "*manosphere*" – termo origem de "machosfera" – parece ter surgido com Ian Ironwood¹¹ no seu *e-book* intitulado "*The Manosphere: A New Hope for Masculinity*" (2013). Neste *e-book*, Ian conta que foi desafiado por um colega de trabalho a escrever um livro sobre "como pegar mulheres". O que o levou a adentrar e conhecer *sites*, *blogs* e fóruns virtuais de masculinistas na *internet*. Ele narra que ficou inicialmente fascinado com os "*Pick-Up Artists*" (Artistas da Sedução) – comunidade virtual de homens que ensinam ou estão interessados em técnicas e métodos para facilitar o processo de conseguir sexo com mulheres. Segundo Ian, ele ficou impressionado com a "existência de um sistema para caras transarem com garotas gostosas, utilizando o mínimo de esforço" (local. 304).

A partir deste contato, Ironwood conta que passou a se interessar, pesquisar e mapear *sites*, *blogs* e fóruns de discussão feitos por homens e para homens. Uma coleção de várias redes sociais e plataformas virtuais que reuniam homens interessados em discutir masculinidade e temas que os atravessavam, um conjunto de comunidades *on-line* que ele resolveu chamar de "*manosphere*"¹² ("machosfera", em português). Segundo Ian, "a machosfera não se tornou apenas um refúgio para a masculinidade reacionária, ela se transformou em uma tentativa séria de restabelecer a masculinidade como algo positivo" (2013, local. 618). Ao longo do *e-book*, Ian Ironwood tece críticas ao feminismo, corrobora com a narrativa de vitimização masculina – de que homens estão sendo afetados de maneira injusta pela sociedade contemporânea – e enaltece os diversos subgrupos masculinistas *on-line*¹³.

As mídias sociais e plataformas digitais feitas por e para homens com discursos conservadores, antifeministas e misóginos existiam antes do termo "*manosphere*", Ian Ironwood mapeou e nomeou sob um único título estas comunidades virtuais. Além disso, no livro, Ian realiza uma defesa favorável às redes masculinistas, contribuindo para a popularização das mesmas. A partir do momento que esse termo foi criado e popularizado, ele passou a ser utilizado tanto por masculinistas para evidenciar essas redes virtuais de solidariedade e espaços de resistência digital masculina, quanto também é usado por pessoas com posicionamentos críticos ao masculinismo – que alertam sobre o caráter de ódio e tom violento presentes na machosfera.

¹¹ Ian Ironwood é um pseudônimo. Ele afirma ser um blogueiro da machosfera, escritor de livros e já ter trabalhado com a indústria pornô. Na minha pesquisa, não foi possível encontrar a verdadeira identidade de Ian.

¹² Ian Ironwood atribui para si a criação deste termo. Tal afirmação pode ser encontrada no capítulo "*Ian Meets The Manosphere*" do *e-book* mencionado acima.

¹³ É importante pontuar que quando utilizo o termo "subgrupos masculinistas" estou me referindo a todos os grupos que derivam do masculinismo, isto é, das comunidades virtuais que tem forte proximidade ideológica com o masculinismo.

Na próxima seção, pretendo discorrer melhor sobre a machosfera e demonstrar como ela é um ambiente fomentador de ideologias de ódio e de supremacia masculina. Afinal, as bases do masculinismo estão pautadas na violência, na intolerância e no aniquilamento dos "outros". Além disso, trago à tona alguns conceitos e categorias que estão presentes no movimento masculinista e que são importantes para compreender a lógica interna e o *modus operandi* destes subgrupos virtuais.

4. Movimento masculinista: ideologia de ódio, violência e morte

Para o masculinismo, as dinâmicas e transformações promovidas nos espaços jurídicos, políticos e econômicos – no que concerne às relações entre homens e mulheres – só podem acontecer via chave do "ganhar *versus* perder". Em outras palavras, na visão masculinista, acredita-se que se houver mudanças sociais favoráveis às mulheres, isso poderá resultar na perda de direitos básicos e espaços sociais para os homens. E, nessa lógica de confronto, os masculinistas consideram que precisam reagir a uma batalha que já estão perdendo (Grosso, 2022).

O ambiente cibernético é o espaço preferencial – com grande adesão e número de adeptos – do masculinismo¹⁴. Esses homens se reúnem em grupos *on-line* para se apoiarem mutuamente e promoverem uma espécie de desabafo coletivo sobre as suas questões e demandas pessoais. Descontentes com o andamento da vida social e política contemporânea, a machosfera deixa de ser uma "terapia coletiva virtual"¹⁵ e transforma-se em espaços de defesa aberta à supremacia masculina e à manutenção do sistema patriarcal. Assim, nestes espaços virtuais para machos, são naturalizadas práticas de ameaça e ridicularização dirigidas às mulheres, ao feminismo e outros grupos minorizados (Barbosa; Barbosa, 2021).

Por mais que existam divisões e subgrupos na machosfera, há um elemento que qualifica esses indivíduos sob a mesma bandeira do masculinismo, como bem definido pelas psicólogas Amato e Fuchs (2022): "pode-se dizer que o ódio às mulheres é o elemento motor de suas existências, pois a elas é atribuída a culpa por eles se sentirem rebaixados e menosprezados em sua masculinidade" (p. 80).

Há uma grande gama de espaços digitais que possuem núcleos masculinistas, tais como: *facebook*, *instagram*, "*X*" (antigo *Twitter*), *TikTok*, *YouTube*, fóruns anônimos (*chans*), blogs especializados neste nicho, entre outras plataformas virtuais. Pode-se encontrar desde espaços virtuais masculinistas com pouco acesso ou adesão de usuários, mas também se deparar com comunidades que tenham membros numerosos, ativos e agitados.

Os ambientes virtuais facilitam o surgimento e a expansão de grupos masculinistas, pois os usuários – escondidos atrás de perfis virtuais – acreditam que têm liberdade para falar ou se expressar da maneira que desejarem. Além disso, uma vez que esses indivíduos

¹⁴ "É irônico que o próprio sucesso do feminismo tenha produzido uma semente tão desfigurada. Hoje em dia, é tão menos aceitável ser abertamente sexista que os homens foram forçados a se retirar para tais paraísos virtuais" frase atribuída a blogueira feminista Amanda Marie Marcotte, tal fragmento encontra-se presente na obra de Kimmel (2013).

¹⁵ Utilizo essa expressão "terapia coletiva virtual", pois os masculinistas defendem que a machosfera é esse lugar de revitalização da masculinidade e de ajuda compartilhada entre homens.

compartilham de ideais semelhantes e interagem no mesmo espaço virtual, sentem-se à vontade para verbalizar e normalizar práticas discriminatórias e violentas. Isso ocorre porque sabem que dificilmente encontrarão opiniões contrárias às suas nestes ambientes virtuais. Assim, a machosfera funciona como um ambiente virtual capaz de amplificar o desenvolvimento e a manutenção dos sentimentos de ódio contra as mulheres e demais minorias sociais. Em resumo, isso significa que, no caso da machosfera, a violência de gênero é facilitada pelo uso das tecnologias digitais¹⁶.

Para se ter dimensão da violência pregada por homens masculinistas, as/os pesquisadoras/es do Instituto Avon (2023) estiveram observando a atuação destes usuários em *chans* – isto é, em chats anônimos, pouco acessíveis e que se encontram na *deep web*¹⁷. Os resultados da pesquisa apontam que tais *chans* são ambientes de produção e compartilhamento de conteúdos que desqualificam e atacam as mulheres. As publicações e comentários presentes nestes fóruns "reúnem grande quantidade de menções a diferentes formas de violência, desde vazamento de nudes até ataques organizados, com exposições de intimidade e perseguição moral contra mulheres" (local. 02). O estudo concluiu que tais *chans* são: **a.** marcados por extremo ressentimento, raiva e objetificação das mulheres; **b.** os membros são majoritariamente homens jovens, heterossexuais e politicamente conservadores; e **c.** tais comunidades estão crescendo e aumentando em número de usuários.

O *Southern Poverty Law Center* (SPLC) – uma organização estadunidense de advocacia sem fins lucrativos que luta por direitos civis para grupos minorizados – realiza um trabalho de classificação e mapeamento de grupos extremistas que promovem ideologias de ódio. Dentre os grupos que constituem foco de preocupação, de investigação e de mapeamento desta organização estão os masculinistas. A SPLC classifica as comunidades virtuais masculinistas como grupos de "supremacia masculina". Segue abaixo como a SPLC descreve e compreende o "masculinismo":

Os supremacistas masculinos acreditam que são vítimas de um sistema feminista opressivo que injustamente os privou de seu lugar de direito na sociedade [...] Tais adeptos dessa ideologia estão fixados em papéis rígidos de gênero e difamam

¹⁶ A expressão "violência de gênero facilitada por tecnologias digitais" funciona para marcar o *continuum* com formas de violência existentes anteriormente e incluir aquelas que não acontecem exclusivamente *on-line*, mas que têm algum componente de facilitação pelas tecnologias digitais. Segue alguns exemplos de violências que são facilitadas por ambientes virtuais, tais como: a prática de *stalking*, assédio, ataques em massa, abuso sexual baseado em imagens, publicação de informação privada, difamação, ameaças e discursos de ódio (Valente, 2023, p. 28-30).

¹⁷ "*Deep web*" é o nome dado para um conjunto de sites e conteúdos que não podem ser acessados pela *internet* tradicional ou por buscadores virtuais comuns. Para acessar os conteúdos ou portais virtuais presentes na *deep web* é necessário ter previamente *links* específicos que te direcionam para tais páginas ou ambientes digitais (Vignoli; Monteiro, 2020).

qualquer desvio da norma sexual, articulando perfeitamente a misoginia, a transfobia e a homofobia. As comunidades de supremacistas masculinos continuam a se reunir principalmente *on-line*, operando dentro da machosfera - uma coleção de sites, blogs e fóruns virtuais [...] **A supremacia masculina é uma poderosa corrente para supremacistas brancos e seus princípios sustentam grande parte da extrema-direita contemporânea** (*Male Supremacy*, s.d., grifo próprio).

A associação entre o masculinismo e partidos de extrema-direita é evidente para qualquer pesquisador/a que adentre o tema¹⁸. Os discursos proferidos pela extrema-direita política, geralmente carregados de teorias conspiratórias, associam e culpabilizam as minorias sociais como as principais responsáveis pelos problemas políticos e econômicos do Estado-nação. Esse tipo de ideologia política tende a acirrar um cenário de disputa entre "nós" *versus* os "outros" (Grosso, 2022; Oliveira *et al.*, 2023).

O "nós" – indivíduos dotados do *status* de humanidade, de cidadania e de direitos civis – tem como imagem-referência homens cisgênero, brancos e heterossexuais. Os "outros" – reconhecidos como não-homens e não-brancos – são sujeitos que precisam estar subordinados ou serem aniquilados. Assim, na lógica da direita radical, os indivíduos racializados, as mulheres e as pessoas LGBTQIA+ são corpos que precisam estar assujeitados. Qualquer avanço ou conquista de direitos básicos, por parte destes "outros" grupos sociais, é interpretado como uma ameaça para a manutenção do projeto de Estado-nação idealizado pela extrema-direita política (*Ibid.*, 2023; Moreira, 2021). Esse tipo de regime político branco, masculino, autoritário e excludente tem sido nomeado como "machocracia" (Silva; Capelozzi; Costa, 2023).

A lógica de guerra entre dois pólos sociais opostos, fomentado pela extrema-direita política, também alcança materialidade via redes sociais. A direita radical e conservadora intensifica uma guerra cultural *on-line*, (re)estabelecendo virtualmente uma batalha entre "tradição" e "renovação" ou entre "conservadorismo" e "progressismo". Nessa lógica, colocam-se como vítimas frente ao avanço desenfreado da esquerda progressista. Lideranças e indivíduos conservadores reagem e atacam virtualmente agendas e políticas progressistas, especialmente aquelas que têm relação com pautas de gênero e sexualidade. É a partir das tecnologias digitais, com foco nas redes sociais, que a extrema-direita avança e atualiza as suas propagandas e projetos políticos – além de atrair eleitores (Vilaça; D'Andréa, 2021).

E, aqui, chega-se a uma aproximação entre masculinismo e extrema-direita. Flertar com a desumanização e a submissão de grupos marginalizados, eleger um "estado das coisas" que preze pela adoração da masculinidade, da cisgeneridade e da heterossexualidade e utilizar as redes sociais como canais de guerra contra um suposto "inimigo comum" parecem ser três

¹⁸ Consultar Amato e Fuchs (2022); Grosso (2022); Moreira (2021); Silva (2023); e Vilaça e D'Andréa (2021).

elementos centrais que aproximam, unem e retroalimentam esses dois grupos ideológicos pautados no ódio e na intolerância.

Não apenas nas comunidades virtuais ou no cenário político que o masculinismo se faz presente e ganha força. Como uma ideologia de ódio e violência, cenários de terror físico também são protagonizados por esses indivíduos. Para as alas mais extremistas do masculinismo, é necessário avançar e extravasar para o mundo físico – com a produção de mortes. Assim, a relação entre ataques em massa e o movimento masculinista não é uma relação de coincidência, mas, antes, uma relação de aproximação ou afinidade (Andrade; Nascimento; Gonçalves, 2023; Aronovich, 2021; Brasil, 2023).

Os grupos virtuais masculinistas – especialmente aqueles que são fechados e que os usuários permanecem no (pseudo)anonimato – parecem expor e alimentar uma escalada de ódio ainda mais intensa contra grupos minorizados. Esse ódio, estimulado mutuamente entre os membros participantes, faz com que as violências sejam intensificadas nos ambientes virtuais e tomem forma no mundo físico. Um exemplo significativo, acerca dessa interação violenta entre o mundo virtual e o presencial provocada por masculinistas, é o caso do *incel*¹⁹ Elliot Rodger.

Elliot Rodger²⁰, vivia nos Estados Unidos e tinha vinte e dois anos, era um jovem adulto frustrado e ressentido com a sua própria vida. Não se conformava com a renda e a condição financeira de sua família, não estava satisfeito com os ambientes sociais em que estava inserido, não compreendia o fato de ser um fracasso na convivência com outras pessoas e, especialmente, alimentava um ódio crescente contra as mulheres. Julgava que suas condições materiais de ser e estar no mundo eram insuficientes para ele. Tinha um intenso complexo de superioridade e, cada vez que as suas expectativas não eram alcançadas, aumentava a compreensão de si mesmo como uma vítima da sociedade. Com uma visão distorcida da realidade, Rodger acreditava que todas as pessoas tinham acesso a empregos dignos, a uma rede de amigos e a relacionamentos afetivos-sexuais, ele era o único indivíduo injustamente privado destes aspectos da vida social.

Assim, afastou-se cada vez mais dos ambientes da vida presencial e isolou-se nos espaços virtuais, adentrando em *chans* e fóruns *incels* (comunidades de celibatários

¹⁹ A abreviação "*incels*" significa "*involuntary celibates*" – "celibatários involuntários", em português – utilizado para se referir a um subgrupo masculinista formado por indivíduos que apresentam dificuldades em estabelecer relacionamentos afetivos e sexuais com mulheres e, por esse motivo, estabelecem uma atuação virtual violenta e ressentida contra as mulheres e a sociedade em geral. Por vezes, como no caso de Elliot Rodger, os seus atos de violência vão para os espaços presenciais.

²⁰ A história de vida do Elliot Rodger foi retirada principalmente de dois canais do *YouTube*, sendo eles: "Stackz/Gustavo Pinheiro" (2022) e "Igordao" (2020). Além destes canais, foi utilizado o manifesto autobiográfico escrito pelo próprio Rodger, intitulado de "*My Twisted World*" (2014).

involuntários). Nestes grupos de *incels*, Rodger – e os demais usuários – compartilhavam as suas frustrações pessoais e nutriam profunda aversão às mulheres. Elliot encontrou virtualmente uma comunidade com a qual ele se identificava. Essa comunidade tanto reforçou os seus pensamentos distorcidos quanto o encorajou para o ataque que ele pretendia realizar – ato que ficou conhecido como o "dia da retribuição".

Elliot Rodger, preparando-se para o "dia da retribuição", redigiu um manifesto *incel*²¹ – contendo cerca de cento e quarenta páginas – que funcionava como uma espécie de autobiografia para justificar a sua futura ação criminosa. Dentro do manifesto, Rodger escreveu: "o Dia da Retribuição é, principalmente, a minha guerra contra as mulheres por me rejeitarem e me privarem de sexo e de amor. Se ao menos uma garota tivesse me dado uma chance, tentado me conhecer, me deixado sair com ela... nada disso teria que acontecer" (local. 119).

No dia 23 de maio de 2014, em Isla Vista (Califórnia), Elliot promoveu um rastro de violência e morte. Assassinou colegas de quarto da faculdade, atirou contra mulheres que caminhavam perto de uma república feminina, seguiu com o seu tiroteio dentro de um mercado e também contra os transeuntes que passavam perto do seu carro. Por fim, fugindo da polícia, Elliot bateu o seu veículo e tirou a sua própria vida. Como saldo desse rastro de violência, Rodger assassinou sete pessoas²² e deixou outras catorze feridas. No dia do massacre, no seu próprio canal do *YouTube*, Elliot Rodger publicou um vídeo de "justificativa" para o atentado em massa:

Amanhã é o dia da retribuição, dia que farei minha vingança contra a humanidade, contra todos vocês. Nos últimos oito anos da minha vida, desde que entrei na puberdade, eu fui forçado a aguentar uma existência de solidão, de rejeição e de desejos que não foram satisfeitos. **Tudo porque as garotas nunca se sentiram atraídas por mim. As mulheres deram afeto, sexo e amor para outros homens, mas nunca para mim. Eu tenho 22 anos e ainda sou virgem. Eu nunca ao menos beijei uma garota. Vocês, garotas, nunca se sentiram atraídas por mim e eu não sei o porquê. Mas, eu vou punir vocês por isso...** é uma injustiça, um crime, pois eu sou o cara perfeito. Mesmo assim, vocês continuam se envolvendo com esses homens fúteis, ao invés de mim [que sou] um supremo cavaleiro... e eu vou ter o prazer em trucidar vocês, Vocês vão, finalmente, enxergar que eu sou supremo. O verdadeiro macho alfa (Igordao, 2020, 31m20s até 34m26s, grifo próprio).

É a partir da participação na comunidade de *incels*, vídeos publicados no *YouTube*, manifesto circulando na internet e o massacre executado que Elliot Rodger foi eleito como "rei dos *incels*" entre alguns grupos masculinistas.

²¹ O manifesto, redigido pelo autor do massacre, foi intitulado como "*My Twisted World: The Story of Elliot Rodger*" ("O Meu Mundo Distorcido: A História de Elliot Rodger", em português).

²² Três pessoas por esfaqueamento e quatro por arma de fogo (foi contabilizado também o próprio autor do massacre).

Para citar outro exemplo do vínculo entre morte e masculinismo, em 22 de fevereiro de 2021, ocorreu um crime brasileiro executado por Guilherme Alves. Ele assassinou Ingrid Bueno (apelidada como "Sol") com facadas e golpes de espada. O autor deste crime fazia parte de *chans* masculinistas e fóruns misóginos de jogos virtuais, apresentava-se nestes ambientes virtuais sob o pseudônimo de "*Flash Asmodeus*". Após o feminicídio, Guilherme afirmou que Ingrid atravessou e atrapalhou o seu projeto de "atacar outras pessoas". Ao que parece, ele – junto aos demais membros dos *chans* – planejavam um ataque em massa. Essa intenção de cometer crimes maiores foi descrita pelo próprio assassino no seu manifesto intitulado de "Meu Dicionário", onde ele afirma que:

Participo de um grupo de soldados que estão preparados para fazer a mesma coisa que eu fiz. Eu não sou o líder do meu grupo, sou apenas um soldado que cumpriu a missão em que lhe foi designada [...] Além de mim, tem mais soldados preparados para realizar o ato. Esse foi o primeiro ataque com a finalidade de nós ganhar reconhecimento dentro da humanidade (2021, local. 01 e 44)

Após cometer o assassinato, Guilherme divulgou nas redes sociais – e nos grupos *on-line* que fazia parte – vídeos de si relatando o crime cometido e também gravações da vítima morta. Além disso, enviou o seu *e-book* autobiográfico intitulado de "Meu Dicionário" para a Lola Aronovich²³. Lola Aronovich é professora e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e dona do *blog* feminista "Escreva, Lola, Escreva". Desde 2009, a docente foi (e ainda é) um grande alvo de ataques de *incels* brasileiros²⁴. No livro "Meu Dicionário", o assassino revela uma personalidade com ego muito elevado, confessa planejamento de ataques em massa e demonstra profundo ressentimento e frustração com a sua própria vida. No corpo do *e-mail* que Guilherme enviou para a Lola – junto com a cópia do seu manifesto – é possível perceber o ódio que ele tem das mulheres. Segue trecho do *e-mail* enviado:

Boa noite, Lola! Aqui quem fala é o *Flash*, conhecido como Guilherme pelos mais íntimos. Possuímos pensamentos divergentes, mentes diferentes, minha mente é completamente diferente da sua e eu respeito isso. Pessoas são diferentes, no fundo adquirimos o mesmo objetivo, o de mudar as pessoas. Você vive para isso, espalha a sua psicologia tosca e eu vivo pensando no quanto eu odeio a humanidade. Eu, sinceramente, nesses últimos anos, andei me abalando com minha namorada Eduarda, ela não me compreendia. **Eu peguei um ódio forte pelas mulheres nesses últimos anos da minha vida, todo esse drama que elas passam, toda essa melancolia, eu sinto nojo e ódio disso. Eu quero ficar longe, ser um homem seguro e esperto, não sei se isso será mais possível** (Aronovich, 2021, grifo próprio).

²³ O nome da pesquisadora é Dolores Aronovich Agüero, porém em suas produções e publicações virtuais ela prefere ser chamada de Lola Aronovich.

²⁴ "Desde o início, o meu *blog* chamou atenção dos masculinistas no Brasil, que, por serem muito limitados, passaram a me ver como representante-mór do feminismo", trecho presente no artigo da Lola Aronovich (2022).

Elliot Rodger e Guilherme Alves não estão sozinhos, há diversos outros ataques violentos realizados por homens que frequentavam comunidades masculinistas em espaços virtuais, para citar dois outros casos brasileiros: Massacre de Realengo²⁵ (2011) e o Massacre de Suzano²⁶ (2019). O *script* do terror é o mesmo: homens com egos elevados, frustrados com as suas vidas, incapazes de lidar com seus próprios sentimentos, participantes de *chans* virtuais misóginos e com profundo ódio a grupos minorizados – especialmente, a aversão contra as mulheres.

Estes indivíduos não sentem culpa ou responsabilidade acerca dos atos violentos que cometeram. Andrade, Nascimento e Gonçalves (2023) apontam que ocorre um "desengajamento moral" entre esses indivíduos, onde há um "deslocamento de responsabilidade [...] deslocam para outrem a culpa pela sua ação imoral, liberando o agente do dano da condenação por tê-lo causado" (p. 13). Tais *incels* assassinos localizam a origem e a causa destes ataques criminosos nos "outros" – culpabilizando as mulheres, principalmente. São elas, as mulheres que recusaram relacionamentos com eles, que seriam as reais culpadas por essas mortes.

Os atentados tem por objetivo instaurar uma vingança contra a sociedade contemporânea e as mulheres em particular, pois os assassinos enxergam-se como vítimas de um sistema social injusto. Planejam tais massacres por vingança, alimentados por outros membros destas comunidades virtuais, pois precisam que as suas frustrações e a raiva que sentem sejam vistas e reconhecidas no espaço público (Brasil, 2023). Homens que não conseguem lidar e gerenciar, minimamente, os seus próprios sentimentos.

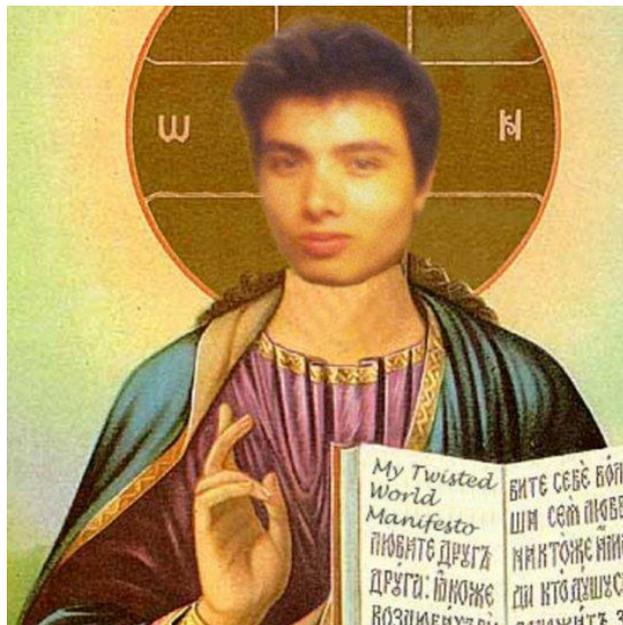
Para esses criminosos, os ataques em massa servem também para os transformarem em "heróis" dentro de suas próprias comunidades virtuais. Como apontado por Aronovich (2022), os participantes do *chan* brasileiro intitulado "Dogolachan" exaltavam e compartilhavam imagens de adoração aos assassinos Wellington (responsável pelo Massacre de Realengo), Elliot Rodger (responsável pelo Massacre de Isla Vista) e Anders Breivik

²⁵ A série documental "Massacre na Escola: A Tragédia das Meninas de Realengo" (2022), lançada pelo serviço de *streaming* HBO Max, aponta para a participação de Wellington Menezes de Oliveira (autor do massacre) em fóruns e *chans* brasileiros de *incels*. A docente Lola Aronovich (2022) também informa que imagens e montagens do Wellington Menezes circulavam no fórum *incel* brasileiro intitulado de "Dogolachan", o assassino era retratado como "herói" neste espaço virtual. Wellington invadiu a escola municipal Tasso da Silveira (RJ), atirou e assassinou doze estudantes, depois entrou em confronto com a polícia e cometeu suicídio. As vítimas eram, principalmente, jovens mulheres.

²⁶ O massacre de Suzano, que deixou dez pessoas mortas e outras onze feridas na escola paulista Raul Brasil, foi planejado e comemorado no fórum virtual *incel* "Dogolachan". Um dos assassinos, Guilherme Tauci, teria publicado antes do ataque em massa, no próprio Dogolachan, a seguinte frase: "nascemos falhos, mas partiremos como heróis". Com o fim do massacre, o assassino Guilherme Tauci matou Luiz Henrique Monteiro (segundo autor do crime) e cometeu suicídio. As informações podem ser consultadas na reportagem da Marie Declercq (2019) e no artigo publicado no *blog* da Aronovich (2019).

(responsável pelo Massacre na Noruega). Ainda sobre esse *chan*, a pesquisadora Lola aponta que, no período em que ela acessava esse fórum, qualquer indivíduo que compartilhasse interesse em tirar a sua própria vida era incentivado pelos demais membros a "levar a escória junto" – leia-se mulheres, pessoas LGBTQIA+ e demais grupos minorizados.

Imagem 01: Saint Elliot Day



Fonte: Futrelle, 2018

Imagem divulgada em *chans* e fóruns virtuais de *incels* intitulada de "*Saint Elliot Day*", em comemoração ao massacre promovido por Elliot Rodger (2014).

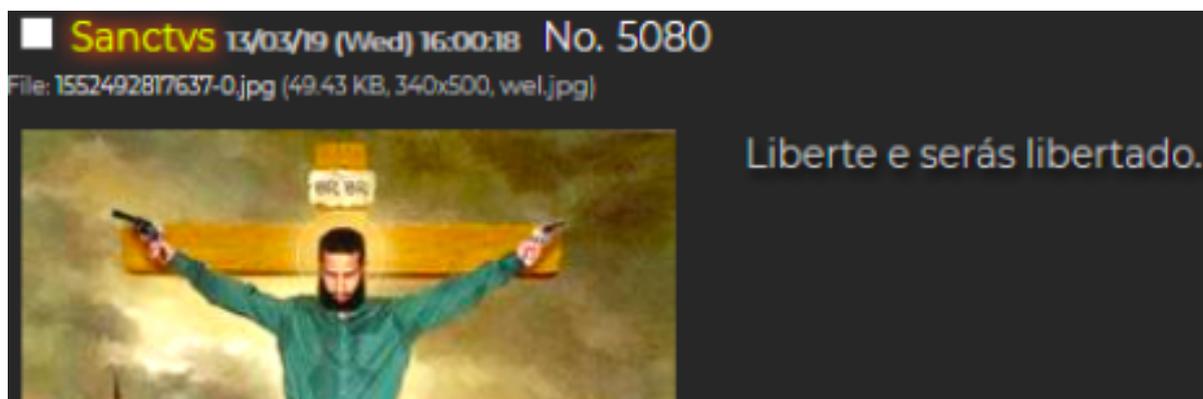
Imagem 02: Captura de tela do Dogolachan (01)



Fonte: Aronovich, 2019

Um dos autores do Massacre de Suzano agradece ao DPR (administrador do fórum *incel* brasileiro "Dogolachan") pelas orientações para o ato criminoso, postagem feita uma semana antes do ataque em massa na Escola Estadual Professor Raul Brasil (Suzano/SP).

Imagem 03: Captura de tela do Dogolachan (02)



Fonte: Aronovich, 2019

Montagem do Wellington Menezes (autor do Massacre de Realengo/RJ) na figura de Jesus Cristo crucificado e armado, imagem compartilhada no fórum *incel* "Dogolachan".

Os masculinistas – com as suas teorias conspiracionistas, relatos amargurados e incertezas identitárias – espalham ódio, violência e práticas discriminatórias dentro e fora dos espaços virtuais. O que esses indivíduos querem é a manutenção de uma supremacia masculina e organizar uma ofensiva contra grupos sociais marginalizados. Acreditam que suas crises de identidade, seus problemas pessoais e seus insucessos sociais são causados pelos avanços políticos de grupos minorizados – que estão ganhando maior centralidade e direitos básicos nos últimos anos. A ideologia supremacista masculina, como outras formas de ideologia de ódio, alargam as noções de "nós" *versus* "outros", criando um cenário de guerra cultural e política.

O masculinismo tem afinidade com a ideologia da extrema-direita, pois ambos prezam por formas de submissão, aniquilamento e morte de "outros" sujeitos sociais. Assim, o radicalismo da direita e o masculinismo colaboram para “promover uma defensiva ultraconservadora e ultra tradicional para impedir a suposta desintegração das masculinidades tradicionais e [garantir a manutenção] dos papéis sociais associados às identidades de gênero” (Silva, 2023, p. 70).

Nos itens seguintes, serão apresentadas algumas categorias, noções e ramificações internas da machosfera.

4.1. Filosofia das Pílulas: Betas *versus* Alfas

O filme "Matrix" (1999) tem como trama central um universo fictício, criado por tecnologias não-humanas, com a finalidade de controlar pessoas. Em um dado momento do filme, Neo (o personagem principal) é convidado pelo Morpheus a escolher uma das duas pílulas em sua mão, a "*blue pill*" ou a "*red pill*". No filme, a primeira pílula representa a manutenção da realidade falseada, ou seja, mantém o indivíduo alienado naquela dinâmica social em que está inserido. É manter-se na realidade criada pela inteligência artificial e que tem por finalidade enganar os seres humanos. Já a segunda – a *red pill* – significa um caminho para a verdade, a possibilidade de despertar para compreender o mundo como ele realmente é – um processo de desalienação do sujeito. Com a *blue pill*, o indivíduo é um agente passivo da sociedade e, na situação inversa, a *red pill* indica uma maior agência e autonomia para que esse indivíduo possa atuar sobre a sua própria realidade.

Lilly e Lana Wachowski, irmãs e diretoras do filme "Matrix", são duas mulheres trans. Em uma entrevista concedida para a Netflix (2020), Lilly relatou que se sente muito feliz, pois o seu filme tem sido significativo para parte da comunidade transgênero – revelando que recebeu inúmeros relatos de fãs transexuais que afirmam que Matrix salvou as suas vidas. Para ela, essa dicotomia entre mundo fictício *versus* mundo real presente no filme funciona como uma analogia às vivências de pessoas trans e ao processo de transição de gênero. Na entrevista, Wachowski ainda diz que uma referência explícita acerca da comunidade transgênero não é encontrada no filme, pois a indústria cinematográfica não estava preparada para receber este tipo de perspectiva e, no período que o audiovisual foi lançado, ambas as diretoras também não haviam iniciado o processo de transição de gênero.

A metáfora de *blue pill versus red pill* foi adaptada e distorcida no ambiente virtual, especialmente, entre os núcleos masculinistas. Estes indivíduos passaram a usar esses dois termos para fazer referência acerca de um suposto estado de consciência masculino. Um indivíduo que está imerso na *blue pill* é aquele que está conformado e iludido com a própria realidade que o cerca, é aquele que está preso na "Matrix Feminina"²⁷. Se, no filme, é uma inteligência artificial que prende os seres humanos em uma realidade paralela, na "Matrix

²⁷ Termo utilizado pelo masculinista Rollo Tomassi no seu livro "The Rational Male" (2013).

Feminina" – narrativa criada por masculinistas – são as mulheres que aprisionam os homens em um estado de ilusão.

Para os masculinistas, o movimento feminista teve sucesso em criar um sistema inteiro de privilégios e de benefícios pró-mulheres, desde o Estado até os relacionamentos afetivo-sexuais são projetados para favorecer as fêmeas humanas. Para eles, o mundo é "ginocentrismo". E, para facilitar a explicação sobre esse termo, trago trecho de um texto publicado em *blog* masculinista brasileiro que tenta explicar o significado dessa palavra: "o ginocentrismo, por definição, significa que as fêmeas estão no centro. O ginocentrismo mobiliza tanto instintivamente cada indivíduo, bem como a própria sociedade, em prol das fêmeas efetivas da comunidade [...] O ginocentrismo colabora para que as fêmeas sejam sempre protegidas, e cria-se a ideia de que a vida dos machos são descartáveis" (Matrix sem Máscaras, 2020).

Neste contexto masculinista, o sistema social que tem como base o ginocentrismo, regime dominado por e para mulheres, também elabora um estado permanente de ódio aos homens. Por esse motivo, há um esforço constante da sociedade ginocêntrica – isto é, controlada por feministas – para corroborar com a narrativa de que a identidade masculina é negativa e perniciosa. Com o avanço desse estado ginocêntrico, os homens vão perdendo seus direitos básicos e espaços na vida social. Nesse caldo conspiracionista, os masculinistas se enxergam como as principais vítimas do privilégio feminino. Um privilégio que, para eles, é dissimulado pelas próprias feministas, pois elas se colocam como vítimas de uma sociedade que já as beneficia. Para concluir essa explicação, trago mais um desabafo masculinista, presente na obra de Kimmel (2013), acerca do caos feminista instalado no mundo:

O governo federal é feminista. Nossas leis são feministas. Nossas instituições educacionais são feministas. Há um esforço coordenado que impulsiona isto. E, este monstro feio, vive nas torres de marfim das universidades. É um monstro gigante profundamente enraizado na infraestrutura deste país e que está a espalhar-se pelo resto do mundo, trabalhando continuamente para manipular a sociedade contra os homens e a favor das mulheres em todos os níveis da sociedade [...] Os governos, desde locais, estaduais e federais, tratam os homens como cidadãos de segunda classe, cujos direitos podem ser violados impunemente quando beneficiam as mulheres (local. 121).

Dada essa contextualização, é possível compreender melhor o significado masculinista da "filosofia das pílulas"²⁸. A *blue pill* é o estado de consciência deste homem iludido pelo mundo ginocêntrico, indivíduo que concorda e é passivo a toda essa rede de

²⁸ Devo pontuar novamente que o termo "filosofia", empregado aqui, não está relacionado a área de conhecimento acadêmico. Na verdade, está relacionado ao uso vulgar do termo, ou seja, filosofia no sentido de conduta/estilo de vida ou um determinado ponto de vista sobre a realidade.

comando e manipulação feminina²⁹. Estes homens, localizados na *blue pill*, são chamados de "betas". Homens que não compreenderam como o mundo realmente funciona em benefício das mulheres, homens que não tem agência para ir contra esse sistema feminista ou homens que colaboram com o feminismo (pró-feministas) – todos eles são betas. E, os masculinistas logo tratam de informar, os betas são indivíduos usados e manipulados pelas mulheres.

Imagem 04: O homem *blue pill* (01)



Fonte: Redpill (@redpill926, via *instagram*), 2023

Imagem 05: O homem *blue pill* (02)



Fonte: Red Alpha (@redalpha676, via *instagram*), 2022

No lado oposto, há indivíduos que são "*redpilados*", isto é, aqueles que ingeriram a *red pill*. Nesta lógica masculinista, é necessário – como é inevitável – que "homens tomem a pílula vermelha e saiam da matrix feminina" (Atitude Alfa, 2020). Isso significa que tais homens despertaram para a sua real condição na vida social e também compreenderam como o mundo é de fato pautado a partir dos privilégios e benefícios femininos. Assim, estar sob o signo de *redpilado* é ser um homem que percebeu as supostas injustiças políticas e sociais causadas pelo feminismo, que compreendeu o caráter manipulativo e interesseiro das

²⁹ "A maioria dos homens são betas ou investem em uma identidade masculina que pareça beta, eles optam pelo lado agradável, complacente e suplicante deste espectro. A maioria dos homens foram socialmente condicionados a suprimir qualquer impulso masculino natural em favor de se acomodar e se identificar com os imperativos das mulheres", trecho presente no livro *The Rational Male* (2013) do masculinista Rollo Tomassi.

mulheres e que decidiu se posicionar e agir contra a cultura misândrica. Uma cultura vigente nas sociedades contemporâneas que supostamente seria contra os homens e também contrária a identidade masculina. A *red pill* tornaria este homem um verdadeiro *outsider* da Matrix.

Uma das definições possíveis para um "homem com atitude alfa"³⁰ é de que, ao ter domínio da verdade fora da Matrix Feminina, decidiu investir no desenvolvimento de si mesmo. O alfa não se submete as mulheres e rejeita toda a ideologia "feminilizante" das sociedades contemporâneas. Segundo o masculinista Tomassi (2013), ser um alfa é inverter o jogo, isto é, o macho humano passa a ter controle sobre a sua própria vida. Dessa forma, não é mais ele quem depende das mulheres, mas, ao contrário, ele é quem passa a ter o controle nas relações e nas interações com elas.

O mais contraditório em todo esse esforço ideológico masculinista de *red pill* é o fato de que tornar-se "macho alfa" servirá, principalmente, para que este homem tenha mais acesso afetivo e sexual às mulheres, pois elas "naturalmente" se atraem por este tipo de perfil masculino. O que parece, na realidade, circunscrever o interesse dos masculinistas na transição da identidade "beta" para a masculinidade "alfa" é o desejo de dominar, estabelecer especialmente o domínio sobre as mulheres.

Imagem 06: O homem *alpha*

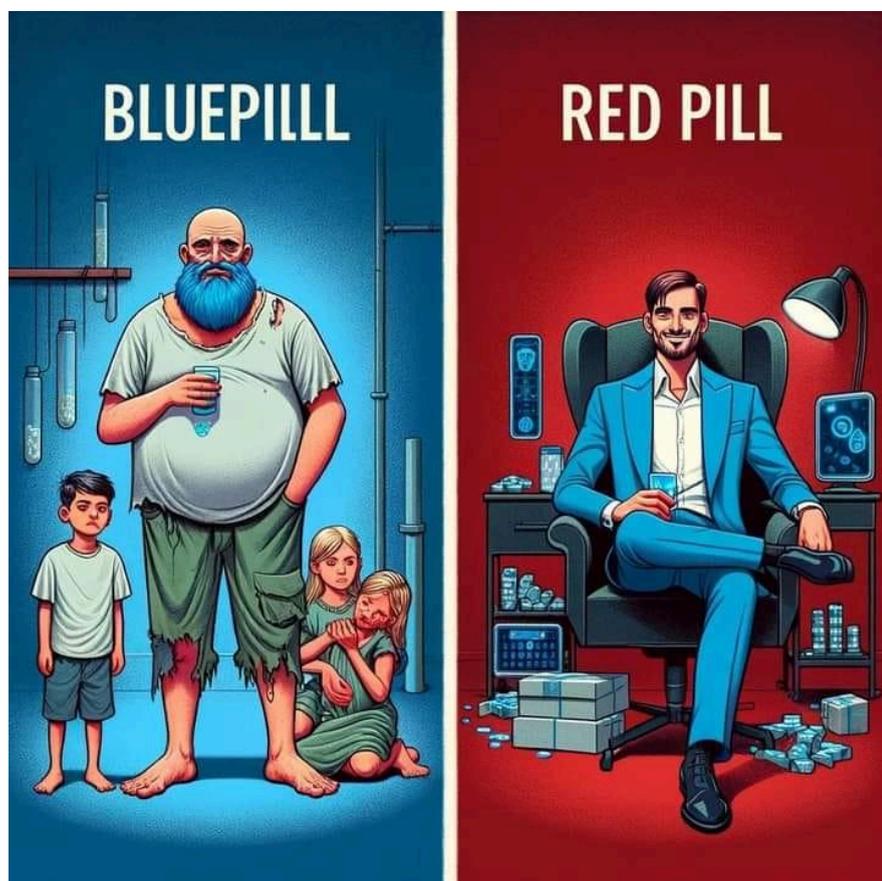


Fonte: Antiotário Pro (página do *facebook*), 2024

³⁰ "Alfa é a primeira letra do alfabeto grego indicando que o indivíduo que recebe tal designação é o mais importante. Os alfas protegerão a si e a todo o seu grupo e, por isso, são altamente respeitados em seu grupo e se manterão fiéis ao mesmo. A tendência é que o macho alfa lidere o grupo e a todos os indivíduos ao seu redor" (Almeida, 2014, p. 49).

Para ser alfa, além de incorporar a *red pill*, precisa exercitar um tipo específico de conduta de si, é necessário apresentar um conjunto de características que o qualificam dessa maneira. No livro "*Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*" (2014) de Thiago Almeida³¹, o autor apresenta algumas características presentes no perfil do "macho alfa", sendo elas: ter nível educacional e cultural elevado, estabelecer uma rotina de cuidados com a aparência física, adotar atitudes que demonstram liderança e domínio, ter segurança de suas crenças e posicionamentos políticos, demonstrar uma postura autoconfiante e ter coragem para assumir riscos.

Imagem 07: *Blue Pill versus Red Pill*



Fonte: MGTOW - A Evolução Masculina (grupo do *facebook*), 2024

É dessa forma que a "filosofia das pílulas" se operacionaliza nas redes masculinistas. Criam um conjunto de analogias e de categorias dicotômicas para justificar as suas posições antifeministas e eleger um tipo legítimo de identidade masculina. De acordo com Vilaça e

³¹ No livro, Thiago Almeida se apresenta como psicólogo especializado em relacionamentos amorosos. Pelo conteúdo trazido neste material citado, é possível perceber que as argumentações do autor tem forte aproximação com o subgrupo masculinista "Pick-Up Artists", comunidade que será apresentada nas próximas páginas.

D'Andréa (2021), o esquema *blue pill versus red pill* condensa e mobiliza uma série de noções valiosas para estes homens masculinistas, tais como: o despertar acerca da misandria social, perceber os mecanismos perniciosos e a lavagem cerebral promovida pelas feministas nas sociedades contemporâneas e se posicionar contra a dominação e os avanços políticos da suposta extrema esquerda pelo mundo.

Existem outras categorias correlacionadas às apresentadas acima, tais como: "*homem sigma*", "*purple pill*" ou "*black pill*", mas o texto acima parece ser suficiente para compreender um dos elementos básicos do masculinismo: a filosofia das pílulas/ *red pill versus blue pill*. É esse tipo de sistema ideológico que dá forma e sustenta os discursos da maior parte dos subgrupos da machosfera. O que diferencia um subgrupo masculinista do outro é a forma com que eles "resolvem o problema", isto é, como eles decidem lidar com as mulheres e as relações com elas (Kimmel, 2013). As próximas seções deste trabalho abordarão os distintos subgrupos presentes na machosfera brasileira³² e que foram acompanhados por mim.

4.2 MGTOWs: Homens que seguem o seu próprio caminho

Men Going Their Own Way (MGTOW), termo que é traduzido para "homens seguindo o seu próprio caminho", é um conjunto de comunidades virtuais que estão inseridas sob o manto da ideologia masculinista – em sua base, está a ideia de defesa dos direitos dos homens e posicionamentos antifeministas. O indivíduo que se reconhece como *MGTOW* declara o seu afastamento voluntário dos relacionamentos amorosos e sexuais³³ com mulheres. Acredita que, longe das mulheres, poderá focar exclusivamente no desenvolvimento da sua masculinidade – em uma constante capacitação e especialização intelectual e física.

Esse tipo de abandono afetivo-sexual, incentivado por essa comunidade masculinista, vem da percepção fatalista de que a sociedade e os relacionamentos são feitos para sempre beneficiar as mulheres. Para eles, as mulheres são interesseiras, manipuladoras e – na maior parte dos casos – promíscuas. Como um grupo separatista de gênero, estes indivíduos

³² Em geral, as comunidades masculinistas brasileiras têm forte inspiração e até vínculos com os subgrupos estadunidenses, como pode ser percebido a partir dos termos e das nomeações que atribuem às suas comunidades e redes virtuais.

³³ Nas comunidades virtuais da machosfera que estive presente para essa pesquisa, foi comum verificar relatos de homens que preferiam pagar mulheres para obter serviços sexuais do que tentar firmar algum tipo de relacionamento. Para eles, era oneroso e desvantajoso tentar estabelecer um vínculo romântico com alguma mulher.

pretendem retirar o foco das mulheres para concentrar os seus esforços em si mesmos – e na edificação da sua masculinidade. Em um episódio do *podcast* Colmeia (2022), o influenciador masculinista Orlando Costa descreveu o significado de "homens que seguem o seu próprio caminho", segue abaixo a explicação dada:

MGTOW é uma sigla, em inglês, para "homens que seguem o próprio caminho". Esses homens decidiram que vão ter, no máximo, relacionamentos superficiais. Não interessa, para eles, namorar ou casar. Não interessa ter nenhum relacionamento [com mulher] que possa estabelecer uma dinâmica jurídica, que tenha uma convivência envolvida. Eles entendem que, hoje, atualmente, para o homem estar numa relação dessa é absurdamente oneroso. Geralmente, eles já passaram por divórcios muito difíceis. Então, eles falam assim "cara, esse negócio de mulher e de relacionamento sério não é mais para mim... vou seguir aqui minha vida, minha carreira... vou seguir aqui fazendo as minhas coisas". Relação com mulheres? Talvez, mas em um relacionamento superficial e, na maioria das vezes, é dessa forma [...] quem tá seguindo o próprio caminho não está enchendo o saco de ninguém.

João Trevisan (1998), ao falar sobre a crise da masculinidade, argumenta que homens inseguros sobre sua própria identidade investem em validações externas, tais como: trabalhar de modo obsessivo, com a finalidade de ganhar admiração dos outros; recorrer a múltiplos relacionamentos sexuais, com objetivo de (re)afirmar a sua potência sexual; e investir na construção do corpo musculoso e viril, visando impor autoridade por meio da força física. Apesar de Trevisan não tratar especificamente das comunidades masculinistas, a sua análise parece ter validade para a comunidade *MGTOW*.

Imagem 08: O *MGTOW*



Fonte: Esqueleto *MGTOW* (@esqueletomgtow, via *instagram*), 2023

Jones, Trott e Wright (2019) realizaram um estudo acerca das interações e publicações realizadas por *MGTOWs* no *Twitter*, os autores trouxeram análises interessantes acerca desta comunidade, os principais achados dessa pesquisa foram: 1. *MGTOWs* banalizam o assédio e os ataques de ódio contra as mulheres, naturalizando discursos que inferiorizam e/ou objetivam elas; 2. ao realizar discursos que humilham e menosprezam as mulheres, na realidade, estão tentando legitimar a sua identidade – e a suposta superioridade – masculina; 3. há uma contradição entre o "estilo de vida" pregado por eles e as suas ações práticas, ao mesmo tempo que afirmam focar apenas no desenvolvimento de si estão constantemente discutindo sobre mulheres; e 4. culpabilizam o feminismo – e os avanços sociais das mulheres – mesmo quando tratam de situações estritamente pessoais onde se sentiram injustiçados ou enganados.

Os homens que "seguem o próprio caminho" tentam vender um estilo de vida individualista e solitário, no qual as mulheres não ocupam mais espaço em suas preocupações cotidianas. Nas suas comunidades *on-line*, os adeptos deste estilo de vida parecem utilizar suas experiências individuais como parâmetros para promover discursos antifeministas. Culpabilizam as mulheres – e os avanços políticos e sociais conquistados por elas – como fontes causadoras de seus sofrimentos e insucessos na vida social. Assim, na busca por curar uma masculinidade ferida e promover uma vingança contra as mulheres, produzem e compartilham discursos altamente misóginos nas redes sociais.

4.3 *Pick-Up Artists*: Artistas da Sedução

O termo "*Pick-Up Artists*" (PUAs), utilizado para referenciar um subgrupo da comunidade masculinista *on-line*, pode ser traduzido como "Artistas da Sedução". O sociólogo Franco (2014, 2015) estudou essa comunidade virtual de homens interessados em aprender e ensinar um conjunto de técnicas e métodos com propósito de conquistar e obter vantagens sexuais com mulheres. Eles interpretam a relação entre homens e mulheres como um jogo, no qual é necessário empregar uma série de estratégias para avançar níveis até a desejada conquista da relação sexual. O autor ainda explica que, na visão desses indivíduos, a sedução é uma "ciência" e as mulheres são os objetos de estudo. Portanto, é através do controle de variáveis e da aplicação de uma metodologia que eles se consideram capazes de alcançar seus objetivos desejados. Para os *Pick-Up Artists*, as mulheres são pessoas destituídas de vontade ou interesses subjetivos, mas, antes, são condicionadas a partir das ações e performances masculinas.

Em uma publicação do *blog* brasileiro³⁴ "Mundo *Pick-Up Artist*", o autor do *site* alerta que "a atração [feminina] não é uma escolha", as mulheres são guiadas por interesses previamente definidos. Ainda segundo esse artigo, as mulheres demonstram interesse e atração por "homens de alto valor" (alfas) – aqueles que possuem dinheiro, boa aparência, postura de dominância e se destacam dos demais homens comuns (betas). Para conquistar as mulheres, seguindo os conselhos dos Artistas da Sedução, os homens precisam tanto investir em si mesmos quanto se especializarem nas supostas regras do jogo da sedução.

Um ponto curioso da comunidade PUA é a quantidade significativa de livros, manuais, cursos e treinamentos que estão disponíveis nos mercados virtuais para que homens possam se especializar na "ciência" da sedução. Há um grande volume de influenciadores (gurus), produtos e serviços que se autodenominam como especializados em conselhos e tecnologias amorosas para homens. Criam um nicho masculinista capaz de comercializar a sexualidade e, ao mesmo tempo, vender uma nova identidade masculina (Franco, 2015).

Os Artistas da Sedução estão juntos em grupos virtuais exclusivamente masculinos para aprenderem e ensinarem como construir uma identidade masculina alfa que está capacitada – a partir de técnicas e métodos de conquista sexual – para vencer o jogo contra as mulheres. Eles pretendem dominar todo o processo de interação afetivo-sexual, pois enxergam a si mesmos como jogadores treinados e as mulheres como alvos deste jogo. Acreditam que são capazes de elaborar um roteiro de códigos de conduta individuais e um conjunto de práticas cotidianas – e repetitivas – que seriam capazes tanto de potencializar suas masculinidades quanto facilitaria todo o processo de conquista sexual (Rudiger e Dayter, 2020). Aqui, as mulheres são vistas como objetos manipuláveis e o valor social contido nelas está localizado na possibilidade de ofertarem sexo.

Os *Pick-Up Artist* seguem o mesmo padrão ideológico compartilhado entre os masculinistas "*redpilados*". Acreditam que são *outsiders* sociais que desvendaram a lógica de funcionamento de um mundo comandado pelo feminino, compartilham uma visão negativa acerca das mulheres (vistas como interesseiras e oportunistas) e julgam ser necessário incorporar um conjunto de características relacionadas a uma masculinidade viril para ganhar a guerra – neste caso, o jogo – contra as mulheres.

³⁴ O título do artigo publicado neste *blog* é "Quero ser um PUA" (s.d).

4.4 *Incel*: Celibatários Involuntários

O termo "*incel*" significa "celibatário involuntário" e surgiu como uma expressão genérica para descrever qualquer pessoa que não consegue desfrutar – por algum motivo – de relações sexuais, apesar de ter interesse. Pessoas que, ao longo da vida, permanecem virgens ou com raros episódios de contato sexual. Com o avanço da *internet*, e das comunidades virtuais, esse termo passou a ter uma conotação mais específica: as comunidades de *incels* são grupos virtuais de homens que apresentam grande desprezo pelas mulheres, pois não tiveram (ainda) nenhum acesso às práticas sexuais e/ou relacionamentos amorosos. Em uma concepção distorcida da realidade, os *incels* se consideram indivíduos interessantes, atraentes e merecedores de relacionamentos afetivos e sexuais com mulheres – mas têm esse direito constantemente negado por elas. Assim, sentem-se rejeitados, empurrados para a solidão e para o isolamento social (Andrade, 2021).

Os celibatários involuntários consideram-se como sujeitos injustiçados pela sociedade contemporânea, pois acreditam que deveriam ter acesso e controle ao corpo e à sexualidade feminina – para eles, isso é um direito natural de qualquer homem. A psicóloga Ruffo (2021) explica que os *incels* reivindicam o restabelecimento de uma ordem social tradicional – o retorno a um período em que homens teriam total controle e domínio sobre as mulheres. Ainda segundo a autora, eles culpabilizam o feminismo e a autonomia feminina pelo seus fracassos afetivos e sexuais, conforme pode ser verificado no trecho abaixo:

A ideologia *incel* acredita que o movimento feminista prejudicou a sociedade, baseando-se na ideia de que antes da revolução sexual dos anos 1960 todos os homens tinham acesso a parceiras do sexo feminino, e que o empoderamento das mulheres afetou negativamente a possibilidade de encontrar uma parceira disponível, já que estas passam a demonstrar preferência por homens mais atraentes fisicamente (p. 18).

É a partir dessas "experiências de fracasso" que *incels* se juntam em *chans* e fóruns virtuais, com uso de perfis (pseudo)anônimos. Nestes espaços de solidariedade *incel*, tais indivíduos compartilham relatos pessoais, promovem discursos de ódio contra grupos minorizados e incentivam campanhas de violência contra as mulheres – seja no ambiente virtual ou no espaço físico³⁵. A possibilidade de não presencialidade e o suposto anonimato podem funcionar como mecanismos que incentivam as ações de ódio e as campanhas de

³⁵ Como nos casos que já foram mencionados neste trabalho: o ataque em massa promovido em Isla Vista (Califórnia) pelo *incel* Elliot Rodger (2014) e o caso de feminicídio, no estado de São Paulo, promovido pelo *incel* Guilherme Alves (2021). Rodger e Guilherme tinham interação virtual com a – e foram incentivados pela – comunidade virtual de *incels*.

violência, pois estes indivíduos sentem-se livres de qualquer responsabilização ou de condenação por seus discursos proferidos e atos realizados (Álvares, 2017; Valente, 2023).

Como ocorreu no caso "*#GamerGate*", em que a desenvolvedora de jogos virtuais Zoë Quinn foi alvo de violência digital. A Zoë foi acusada, pelo seu ex-namorado, de ter sido favorecida por um *site* especializado em *games*, este suposto favorecimento teria sido feito pelo seu amante – que era um dos redatores do *site*. Essa situação gerou uma intensa campanha contra os portais especializados no universo *gamer*, os usuários acusavam os redatores desses *sites* de favorecerem colegas, amigos e namoradas nos seus *reviews* de jogos. A Zoë Quinn sofreu com episódios severos de violência virtual de gênero – com uso de *hashtags*, memes e ameaças *on-line* contra ela. Chegaram, inclusive, a expor publicamente informações pessoais dela. Ela não foi a única, as mulheres do universo *gamer* foram as principais atingidas pelos ataques virtuais causados por esse episódio. A comunidade *incel* esteve bastante atuante no caso "*#GamerGate*" e na campanha de perseguição contra Zoë Quinn (Mikannn, 2018; Salojärvi *et al.*, 2020).

A professora Lola Aronovich também passou por campanhas de difamação, exposição de informações pessoais, falsa imputação de crime, tentativas de derrubar as suas contas virtuais e ameaças *on-line* por causa do seu blog feminista "Escreva, Lola, Escreva" e o seu ativismo contra as comunidades masculinistas. A situação escalou de forma tão absurda que os donos do *site* "Silvio Koerich" (um *blog incel* brasileiro) ofereceram uma recompensa de cinco mil reais para quem fosse até a Lola e gravasse um vídeo montando em cima dela "como se fosse um touro de rodeio" (Aronovich, 2022). Vale ressaltar que o "Silvio Koerich" é um pseudônimo, pois os verdadeiros donos do *blog* se chamam Emerson Eduardo Rodrigues Setim e Marcelo Valle Silveira Mello³⁶.

Desde 2011, Lola Aronovich sofre com ataques virtuais, especialmente, de indivíduos que participam de fóruns *incels*. E, por diversas vezes, ela tentou realizar denúncias e boletins de ocorrência contra os autores destas ofensivas. Porém, Lola enfrentava o descaso e a falta de preparo da polícia brasileira em lidar com crimes virtuais. Em 2016, ao conhecer a luta virtual que Aronovich travava cotidianamente, a deputada Luizianne Lins (PT-CE) apresentou um projeto de Lei (nº 4.614/2016) que foi sancionado e ficou conhecido como "Lei Lola" (nº 13.642/2018). A Lei determina que cabe à Polícia Federal investigar crimes virtuais que tenham conteúdo misógino, definindo "misoginia" como "ódio ou aversão às

³⁶ Em 2012, ambos os autores foram presos em uma operação da Polícia Federal intitulada "intolerância". A operação visava prender os donos do *site* "Silvio Koerich" por cometimento de crimes, tais como: fazer apologia de fatos criminosos e incitação à abuso sexual de menores de idade (Brasil, 2012).

mulheres". A socióloga Mariana Valente (2023) alerta que essa Lei tem efeitos mais simbólicos do que práticos na luta das mulheres, pois carece de definições explícitas sobre quais crimes podem ser enquadrados nela. O caso da Lola é um exemplo das campanhas de ódio, especialmente contra mulheres, orquestradas pelas comunidades virtuais de celibatários involuntários.

Assim, pode-se concluir que as redes virtuais de *incels* também fazem parte da machosfera masculinista pelos seus posicionamentos antifeministas, ressentimento generalizado contra as mulheres, alinhamento político conservador e pela defesa de uma ideologia supremacista masculina.

Os subgrupos virtuais abordados até aqui (*MGTOWs*, *PUs* e *Incels*) têm alta adesão à ideologia masculinista. Os adeptos dessas comunidades encontram nesses grupos formas de se posicionar contra o feminismo, de participar de uma rede de apoio entre homens e a possibilidade de adotar para si uma nova forma de masculinidade. O sociólogo Franco (2014) aponta que esses indivíduos masculinistas, diante de uma crise na sua própria identidade masculina, veem no masculinismo uma chance de desenvolver uma nova identidade. Essa nova identidade masculina parece tentar responder aos principais anseios e problemas destes homens – isto é, a sensação de perda de direitos básicos, as dificuldades nos relacionamentos com as mulheres e as incertezas identitárias.

Acerca dessas "novas masculinidades" incentivadas pelos masculinistas que, na realidade, tentam preservar formas antigas de dominação masculina, Volks (2021) é assertivo ao afirmar que:

Por trás do discurso do novo, escondiam-se antigos padrões normativos de como os homens deveriam ser e agir diante das mudanças sociais e culturais das décadas anteriores, principalmente em contraposição às conquistas do movimento feminista. Com isso, nessas novas formas de ser homem, os privilégios e a dominação masculina continuavam inalterados (p. 19).

Vale ressaltar que, neste trabalho, há uma ênfase sobre os discursos proferidos pela machosfera acerca das mulheres, isso acontece pois elas são os principais alvos das campanhas de ódio e de discriminação empreendidas pelos masculinistas. Porém, é comum que indivíduos e grupos masculinistas apresentem discursos de intolerância e realizem ataques contra outros grupos sociais e políticos, tais como: comunidade LGBTQIA+, movimentos sociais progressistas e partidos da esquerda política.

Na próxima seção, pretendo realizar um breve mapeamento sobre o desenvolvimento das comunidades masculinistas na *internet* brasileira.

5. Masculinistas e a machosfera no Brasil

Neste momento do trabalho, será apresentado um breve panorama histórico do desenvolvimento de grupos masculinistas brasileiros em ambientes virtuais e, em um segundo momento, será abordado como a machosfera brasileira têm sido repercutida pelos portais e revistas digitais do país.

A pesquisadora Lola Aronovich (2022) relata que percebeu, pela primeira vez, a movimentação de grupos masculinistas nos territórios digitais brasileiros por meio de comunidades no *Orkut*. Segundo a autora, por volta de 2005, já haviam grupos no *orkut* intitulados como "O Lado Obscuro das Mulheres", "Mulher Gosta de Homem Babaca" e "Guerreiros da Real" – todos estes com discursos e *modus operandi* parecidos com a machosfera estadunidense. Em 2008, ocorreu um dos episódios que chocou bastante a pesquisadora. Na comunidade masculinista do *orkut* nomeada de "Suprema Ordem dos Homens do Bem", homens zombavam e desprezavam a vida e a morte de Eloá Cristina Pimentel (jovem assassinada pelo seu ex-namorado neste mesmo ano). Com alto teor de misoginia, os comentários tentavam manchar o passado da jovem e minimizar o fato criminoso cometido.

A rede social *orkut* encontra-se desativada desde 2014. Porém, em uma comunidade de "*redpilados*" no *facebook*, um dos usuários compartilhou um arquivo contendo capturas de tela de fóruns masculinistas no *orkut*, a maioria das publicações presentes neste arquivo são datadas do ano de 2011. Nessas capturas de tela, é possível encontrar homens com discursos antifeministas, com relatos carregados de ódio contra as mulheres e uma revolta contra a suposta sociedade misândrica. Com finalidade de exemplificar o que foi dito neste parágrafo, abaixo encontram-se reproduzidas algumas destas publicações da machosfera no *orkut*.

A aversão ao feminismo:

Manginas³⁷ acham que, defendendo as mulheres e o feminismo, vão ter bucetas fáceis à disposição. De fato, foram esses homens manginas que caíram no conto do vigário do feminismo. A lógica é a seguinte: "se nós deixarmos as mulheres terem liberdade total sexual, a vontade para dar para quem quiser, ou seja, retirarmos todas as amarras sociais e religiosas, nós não precisaremos mais namorar e casar pra ter acesso a sexo. O mundo vai virar uma orgia, que incrível!". Mal sabem esses débeis mentais que, ao retirar todo tipo de amarra religiosa e social das mulheres, libertaram o instinto mais DESTRUTIVO que a humanidade poderia conhecer: o instinto de hipergamia feminina. Ou seja, a busca

³⁷ A expressão "mangina" é a junção das palavras "man" e "vagina". A ideia que acompanha essa palavra é zombar de "homens que fazem tudo por vagina". Utilizado por masculinistas, essa palavra serve tanto para se referir aos homens que são supostamente manipulados e usados por mulheres quanto aqueles que são pró-feministas. Há outros termos que funcionam como sinônimos, tais como: "betas", "gados" ou "miqueinhas".

feminina incessante por alfas e mais alfas, gerando a destruição do incentivo para formar uma família. Além do óbvio, retirar a ligação entre homem-mulher que é feita apenas através da família tradicional.

("Manginas são os culpados pela destruição feminina", texto atribuído ao usuário do *orkut* chamado de Exato Jaime).

O recado é: o mundo está acabando. Estamos vivendo uma era em que as MULHERES DOMINAM TUDO e PODEM TUDO. Elas tem acesso a sexo INFINITO e tem poder de barganha social, financeiro, sexual e político ILIMITADOS. Elas COMANDAM TODOS os homens de suas vidas e isso graças ao feminismo [...] Quanto mais feministas tem um país, mais sexo casual, menos casamento, mais mulheres bêbadas, menos filhos, menos famílias e mais DST's.

("Fui ao cinema nessa sexta-feira", texto publicado na comunidade "Mulher Gosta de Homem Babaca").

O discurso de ódio contra as mulheres:

Do ponto de vista feminino, que nada mais é que o ponto de vista da amoralidade, dos genes, dos instintos puros, da volta à idade da pedra, não há honra e os cafajestes são os vencedores da história. [...] Do ponto de vista da sobrevivência do homem moderno, ser cafa[jeste] não é honrado e nem desonrado, é um modo extremo de sobreviver à canalhice feminina.

["Os cafas são mais honrados na lida?]", texto publicado na comunidade "O Lado Obscuro das Mulheres").

Toda mulher é uma puta em potencial. Essa é a frase que acredito que seja a mais próxima da verdade. Mas, o que significa ser uma puta em potencial? Elas já nascem com os instintos da promiscuidade, infidelidade e trapaça dentro delas, esses instintos foram aprimorados durante milhares de anos de modo que elas selecionassem os melhores machos, os melhores genes, para garantir a sobrevivência dela, dos filhos e da espécie humana. O que impede uma mulher de agir deliberadamente como uma puta é o freio que a sociedade impõe, porém, atualmente, esse freio é cada vez mais fraco. Vale ressaltar que a promiscuidade feminina é abordada em diferentes momentos históricos e em diferentes culturas, o que me dá maior confiança para generalizar esse comportamento como natural ao sexo feminino desde os tempos mais remotos.

("A mulher exceção: ela realmente existe?", texto atribuído ao usuário do *orkut* chamado Ulysses).

A vitimização masculina:

Um homem que nasce feio, pobre e NÃO é cafajeste está simplesmente arruinado. As mulheres têm um profundo NOJO por homens medianos de bem que buscam crescer com suas forças, que são honestos e trabalhadores. Nessa comunidade, há depoimentos de caras que são exemplos claros de busca por superação, garra, caras legais, corretos, lutadores, honestos e que respeitam as mulheres. Sabe o que eles ganham das mulheres? NADA. As mulheres dão sexo, afeto, carinho, flertes para os maiores trastes e merdas da sociedade. Elas dão para 20% dos homens do mundo e dão tudo o que é possível em matéria de sexo. E para os homens de bem, elas dão as costas e descontam as frustrações que tiveram com os canalhas. Usam de esnobismos, negações de sexo e exigências insanas pra cima destes homens bons. Este é o ponto. Aí que está.

("O homem que nasce feio", texto publicado na comunidade "O Lado Obscuro das Mulheres").

Estamos passando simplesmente por uma nova síndrome, a chamada síndrome da família feminista. Homens não têm o direito de ganhar pouco ou sofrer. Desde pequenos, precisam se matar de estudar e GANHAR GRANA, caso contrário, passam a ser igualados a lixo. Como as mulheres têm nojo de homens que não ganham bem, e são incentivadas por uma sociedade que tem ódio a tudo que é masculino, as tuas irmãs te tratarão como um lixo humano por você ser homem. Se tu fosses mulher, elas não fariam isso [...] Gritar e agredir fisicamente as tuas irmãs, que seria o que um homem faria (eu faria), não funcionará. Com a delegacia das mulheres, elas podem te agredir emocionalmente, fisicamente e verbalmente que tu não terás defesa nenhuma e teus pais poderão te jogar na latrina.

("Sou novato: vocês poderiam me ajudar?", texto publicado na comunidade "Mulher Gosta de Homem Babaca").

O *Facebook*, rede social que ganhou força na internet brasileira após o encerramento do *orkut*, também apresenta comunidades – ainda bastante ativas – de masculinistas. Entre 2022 e 2023, com interesse em coletar dados para a minha pesquisa, ingressei em cerca de 30 grupos masculinistas frequentados por usuários brasileiros no *facebook*. Diariamente, no *feed*³⁸ dessa rede social, visualizava publicações e comentários de participantes dessas comunidades. "Manual do Cafajeste – *Red Pill*", "Machosfera *Red Pill*", "Sujeito Homem", "Homem Raiz" , "*PUA* e Desenvolvimento Masculino" e "Todo dia uma *MSOL*³⁹ não procurando pai para o seu filho" são alguns dos nomes dados aos grupos da machosfera no *facebook*. A maioria destes agrupamentos masculinistas são formados por homens que se identificam com o masculinismo ou com alguma vertente masculinista (*MGTOW*, *PUA* ou *Incel*). Ao consultar informações sobre esses grupos, fornecidas pelo próprio *facebook*, é possível perceber que são comunidades recentes, com datas de criação que variam entre 2015 até 2023. Uma outra informação relevante é que essas comunidades virtuais têm números muito variados de usuários, há grupos com cerca de 300 membros (como no caso do "Só os *Red Pill*") e outros que chegam a ter 40 mil usuários participantes (como é o caso da comunidade intitulada de "Homem Raiz Operacional"). Informações de alguns grupos masculinistas no *facebook* brasileiro podem ser visualizadas nas imagens e na tabela abaixo.

³⁸ O *feed* é o principal sistema pelo qual os usuários são expostos aos conteúdos publicados nessa rede social.

³⁹ O termo "*MSol*" significa "Mães Solteiras", categoria de mulheres altamente desprezadas e ridicularizadas pelos masculinistas. Eles acreditam que as mães solteiras estão constantemente buscando homens para sustentar elas e seus filhos.

Nome do grupo	Número de membros	Data de criação
Homem Raiz Operacional	47 mil membros	janeiro/2018
Sigmapostagem	26,4 mil membros	janeiro/2022
Antiotário - Reunião dos Sigmas	25,8 mil membros	novembro/2023
Redpill MegaConfiante	23,3 mil membros	outubro/2022
Machosfera Red Pill	19,9 mil membros	dezembro/2021
Homens de Força e Honra #RedPill	19,7 mil membros	novembro/2021
O Profano Feminino (Grupo Masculinista Red Pill)	15,4 mil membros	maio/2021
Redpill Brasil	15,1 mil membros	janeiro/2022
Masculinismo Red Pill	15 mil membros	julho/2021
PCF - Partido Comedores de Feministas	15 mil membros	junho/2022
Redpill e MGTOW Brazil 007	13,5 mil membros	setembro/2022
Manual do Cafajeste - Red Pill	11 mil membros	junho/2021
Pua e Desenvolvimento Masculino (Sedução, PNL, Homem Sigma e Red Pill)	7,8 mil membros	janeiro/2015
Homem Frio Redpill & Mgtow Inteligência Racional	7,3 mil membros	janeiro/2023
PUA, Redpill, Estoicismo e Desenvolvimento Masculino	7,2 mil membros	maio/2023
Debate MGTOW	5,7 mil membros	abril/2020

Tabela 01 - Relação de grupos masculinistas no *Facebook* Brasil, tabela atualizada em janeiro de 2024

As publicações repetem o mesmo padrão fornecido pelo *orkut*⁴⁰. No *facebook*, esses homens postam vídeos, imagens e textos com o objetivo de: atacar o movimento feminista, humilhar e ridicularizar mulheres, tecer críticas as pautas e reivindicações de movimentos sociais progressistas, denunciar o suposto ginocentrismo das sociedades contemporâneas e

⁴⁰ Para não deixar essa seção cansativa, optou-se por não reproduzir integralmente as publicações feitas na machosfera do *facebook*. Apesar das publicações serem diferentes, carregam o mesmo sentido daquelas publicadas no *orkut*. Para ter uma breve noção das postagens que são feitas no *facebook*, vá até as imagens presentes nas páginas seguintes deste trabalho.

evidenciar as injustiças promovidas por uma cultura misândrica. "Feminazis", "honradinhas", "conservadias", "mulheres virtuosas", "modernetes" e "culheres" são alguns dos termos que os masculinistas, dentro das comunidades do *facebook*, utilizam para tentar desqualificar as mulheres.

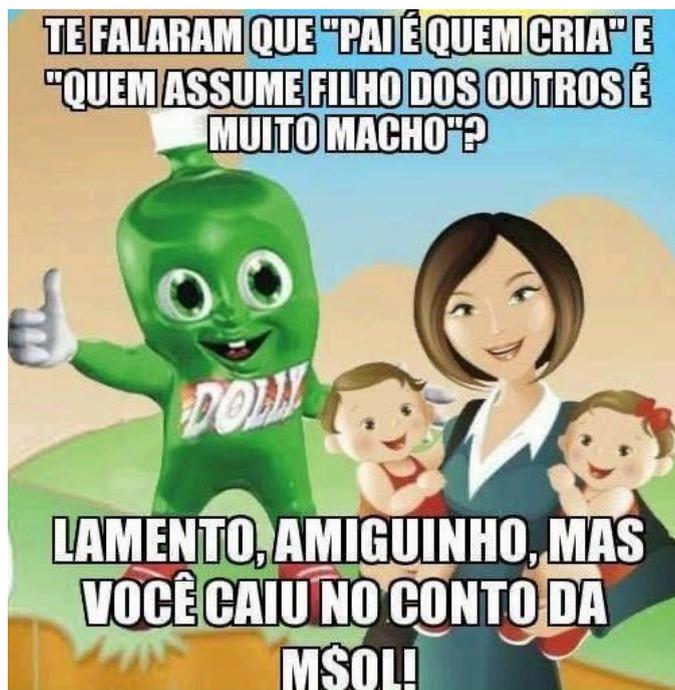
Seguindo o argumento do sociólogo Kimmel (2013), esses fóruns e comunidades virtuais masculinistas – como aquelas que existiam no *orkut* e que estão presentes no *facebook* – funcionam como uma rede de apoio entre "homens raivosos" dado o contexto político e cultural contemporâneo e, por esse motivo, destilam ódio e violência de gênero nos ambientes virtuais. Aronovich (2022) traz uma sentença que parece definir bem tal percepção: "qualquer pessoa minimamente sensata que passa cinco minutos numa página, fórum ou *chan* dos 'defensores dos direitos dos homens' percebe que eles não defendem direito algum, a não ser o de atacar e ameaçar mulheres em geral e feministas em particular" (p. 04).

Imagem 09: A desqualificação das mulheres pelo “passado de hipergamia feminina”



Fonte: Denyzz (página *red pill* do *facebook*), 2023

Imagem 10: Mãe Solteira (MSol), vista como interesseira e dependente de homens (01)



Fonte: Eu não mereço mãe solteira (página do *facebook*), 2016

Imagem 11: Mãe Solteira (MSol), vista como interesseira e dependente de homens (02)



Fonte: RedPill e Mgtow Brazil 007 (grupo do *facebook*), 2024

Imagem 12: Ofensiva contra mulheres ditas modernas



Fonte: Masculinismo Red Pill (grupo do *facebook*), 2024

Imagem 13: A suposta misandria feminista



Fonte: Manual do Cafajeste - Red Pill (grupo do *facebook*), 2021

Imagem 14: Ataque ao movimento feminista



Fonte: MGTOW Brasil (@mgtowbrasil, via *instagram*), 2019

O cenário muda um pouco quando se observa a machosfera nas plataformas *YouTube* e *Instagram*. O conteúdo misógino, antifeminista e com teorias conspiratórias é o mesmo, porém há uma maior presença de *gurus*, conselheiros ou especialistas da machosfera. Nessas plataformas virtuais, o objetivo dos influenciadores masculinistas parece ser o de disseminar informações sobre o masculinismo, atrair público e comercializar soluções. Para explicar este ponto, trago brevemente dois casos: "O Senhor Saldanha" e o "Antiotário". Ambos são influenciadores digitais do universo masculinista e contam com mais de cem mil seguidores no *instagram* e outros milhares de inscritos em seus canais do *YouTube*.

O Senhor Saldanha⁴¹, também conhecido como "*Green Pill Saldanha*" em suas redes sociais, assume a posição de conselheiro amoroso a partir de explicações do tipo masculinista, focado em orientar outros homens. Moacyr Saldanha aconselha esses homens via caixa de perguntas no *instagram*, opinando sobre como eles devem analisar os comportamentos femininos, como devem agir com as mulheres e também os instruir para como obter sucesso no autodesenvolvimento masculino. Abaixo, encontra-se um conselho fornecido pelo Saldanha para um dos seus seguidores, esse comentário parece ilustrar bem a mentalidade deste influenciador masculinista.

⁴¹ A criação de suas redes sociais profissionais (*instagram* e *youtube*) aconteceu no ano de 2020.

Seguidor desabafa na caixa de perguntas do *instagram* para o Senhor Saldanha:

A gata terminou comigo e apareceu com outros homens nas redes sociais. Agora, ela pediu para voltar e está falando até em casar.

Resposta fornecida pelo Saldanha para a pergunta acima mencionada:

Apareceu com outros nas redes sociais porque, com certeza, ela estava de papo. Com certeza, uma rapaziada firme entrou no organismo dela. Com certeza, uns cinco ou seis [homens] encheram ela de Gatorade⁴², né? Usaram, consumiram ela [...] Ela viu que a rapaziada não quis assumir o B.O e o que ela fez? Ela pensou assim: "Geral me usou, me deixou arrebitada, usada... o que eu vou fazer?" e se arrebitou de ter largado você e te ligou, achando que você é trouxa. Ela tá toda arrebitada de tanto [homem] que entrou nela. E o que ela fez? tá ligando pra você, indo atrás de você e você dando ideia para essa mulher aí. Deveria estar investindo tempo em você e, se for pensar em mulher, investe em outras mulheres. (Senhor Saldanha, 2023)

Para além destes conselhos virtuais gratuitos, os homens – que realmente quiserem aprender de forma mais aprofundada tais itens mencionados – podem comprar os livros escritos pelo próprio Moacyr Saldanha, os dois volumes do seu *e-book* intitulado "A Regra do Jogo". Caso o seguidor ainda esteja perdido no mundo dos relacionamentos e do desenvolvimento pessoal, poderá também comprar uma consultoria individual com o *guru* masculinista. O valor do investimento nesta consultoria é de duzentos e cinquenta reais, consulta *on-line* e com duração de até uma hora⁴³.

Rafael Aires, criador da marca "Antiotário"⁴⁴, também é um *influencer* masculinista. Os vídeos que o influenciador publica em suas redes sociais são, majoritariamente, dele reagindo a outros vídeos disponíveis na *internet*. Nestes *reacts*, Aires costuma trazer algum tipo de lição ou conselho masculinista – seja julgando os comportamentos das mulheres, incentivando condutas de "homem alfa" para os seus seguidores ou analisando relacionamentos amorosos de casais heterossexuais. Rafael também divulga a venda dos seus *e-books*. "O Código Masculino", "Mentalidade do Homem Alpha" e "Manual Antiotário: Um Caminho Sem Volta" são alguns dos títulos de livros escritos por Rafael Aires. No *site*⁴⁵ de venda deste último *e-book* mencionado, o influenciador faz uma lista de potenciais compradores do seu manual, a lista é a seguinte:

⁴² "Gatorade" é uma marca de bebida isotônica recomendada para pessoas que praticam esportes. Porém, ao usar o termo Gatorade, o Senhor Saldanha está se referindo ao sêmen humano. O que ele quis dizer é que a mulher teve múltiplas relações sexuais com parceiros diferentes, na tentativa de desqualificá-la.

⁴³ O preço e as demais informações sobre a consulta particular foram repassadas via *e-mail*.

⁴⁴ Em suas redes sociais, Rafael Aires afirma que trabalha com "desenvolvimento pessoal masculino" há treze anos. Desde 2011, está realizando esse tipo de trabalho na *internet*, a partir de diferentes contas *on-line*.

⁴⁵ *Link* para acessar o *site* mencionado: <<https://lojadropmasters.com.br/antiotario/>>

1. Para quem nunca mais quer fazer papel de trouxa ou gado com as mulheres;
2. Para quem deseja **se tornar um homem de verdade**, muito mais confiante e atraente;
3. Para quem deseja saber como se comportar e **evitar** situações humilhantes e desagradáveis por **mulheres manipuladoras**;
4. Para quem quer saber como **se relacionar com uma mulher correta e de bom caráter**;
5. Para quem deseja ser totalmente blindado **contra relacionamentos ruins com mulheres de baixo valor**; e
6. Para quem deseja **ser uma verdadeira máquina de atração e repelir todas as mulheres aproveitadoras e interesseiras**.

(grifo próprio)

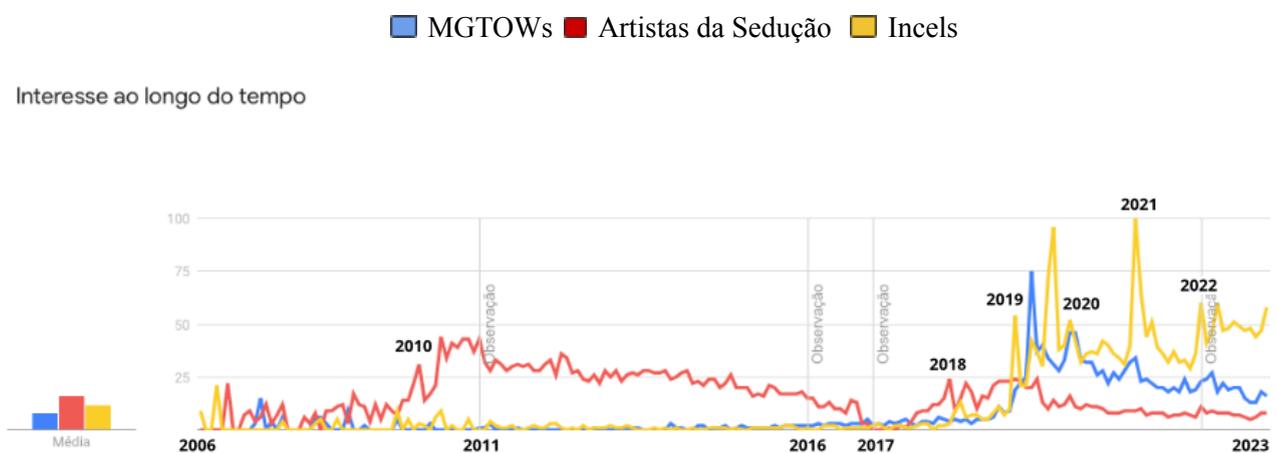
Desde a primeira década deste século, os "*mascus*" – para utilizar uma expressão da Aronovich (2022) – estão povoando a *internet* brasileira. Apesar da dificuldade em rastrear os passos iniciais destes grupos no Brasil, há indícios sólidos de que eles se encontravam virtualmente em comunidades do *orkut*, *blogs* e *fóruns* desde meados dos anos 2000. Longe de ser um fenômeno social temporário, ao longo dos anos, a machosfera migrou e se expandiu para outras redes sociais e plataformas digitais abertas – atualmente, encontram-se no *facebook*, *instagram*, *X* (antigo *Twitter*), *TikTok* e *YouTube*. Além disso, também estão em *chans* e fóruns anônimos tanto na *surface* da *internet* quanto na *deep web*.

As redes sociais e as plataformas virtuais masculinistas servem ao seu propósito, isto é, criam comunidades separatistas de gênero – a machosfera. Um espaço de resistência masculina contra o feminismo, contra agendas políticas progressistas e favorável à supremacia masculina. Grupos de homens que estão munidos de estereótipos de gênero, conservadorismo político e discursos de ódio. A diferença parece residir no fato de que algumas redes sociais favorecem comunidades mais fechadas e horizontalizadas da machosfera, onde os indivíduos compartilham as suas angústias pessoais, políticas e sociais. Por outro lado, em outras plataformas virtuais, observa-se a formação de empresários do masculinismo, como é o caso dos conselheiros ou influenciadores masculinistas – estes espalham a visão de mundo e pregam a palavra do masculinismo, conquistam público e capitalizam com a ideologia masculinista.

Vale apontar que, segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Avon (2023), os *chans* brasileiros – chats virtuais, anônimos e mais fechados – também são espaços ocupados, majoritariamente, por homens heterossexuais que reproduzem discursos que desqualificam e objetificam as mulheres. Nestes *chats*, que estão crescendo em número de usuários e de interações, homens organizam ataques e perseguições virtuais contra mulheres, realizam vazamentos de informações íntimas delas e criam debates carregados de ódio e de ressentimento masculino.

A presença e expansão do masculinismo na *internet* brasileira, ao longo dos anos, parece acompanhar também o interesse dos/as brasileiros/as acerca deste movimento (e dos seus subgrupos). Ao realizar uma consulta no "Google Trends" – plataforma que possibilita verificar a popularidade e a tendência de determinados termos/assuntos na *internet* ao longo do tempo – é possível perceber que termos como "Men Going Their Own Way - MGTOWs" "Artistas da Sedução" e "Incels" se tornaram mais populares no Brasil após a primeira década dos anos 2000. E com um aumento de popularidade durante e após 2018 e 2019, conforme imagem abaixo.

Imagem 15: Evolução histórica da busca por grupos masculinistas no Google Brasil (Google Trends, 2023)



O primeiro subgrupo masculinista que parece ganhar mais notoriedade entre usuários brasileiros na *internet* são os "Artistas da Sedução" – conforme a imagem, estes indivíduos ganharam relevância no ciberespaço brasileiro a partir de 2010/2011. Ao analisar o histórico do *Google* sobre "Artistas da Sedução", pode-se perceber que há um conjunto variado de notícias sobre eles. Há *sites* que tentam explicar o que é e quem são esses indivíduos, há outras páginas virtuais que replicam os métodos e as técnicas utilizadas pelos "Pick-Up Artists" para conquistar mulheres e há alguns portais digitais que tecem críticas a este movimento – alertando sobre o seu teor machista e sexista.

O segundo subgrupo masculinista que ganha visibilidade na *internet* brasileira são os *incels*, a partir de 2019. Como pode ser visto no gráfico acima, os maiores picos de pesquisa sobre *incels* foram nos anos de 2019 e 2021. No primeiro ano de pico, ocorreu o massacre de Suzano (SP). E, no segundo, aconteceu o feminicídio da *gamer* Sol (Ingrid Bueno) em Pirituba (SP). Ambos os crimes foram cometidos por indivíduos que frequentavam comunidades virtuais de *incels*, o que pode explicar as taxas mais elevadas de pesquisa nos períodos mencionados. Ao analisar os conteúdos e artigos disponíveis na *internet* brasileira

acerca dos celibatários involuntários, tem-se: tentativas de explicar o que é e quem são esses indivíduos, esforços para alertar sobre o tom extremista e os casos de violência de gênero que são fomentados nas comunidades de *incels* e tentativas de esclarecer a correlação entre os *incels* com o masculinismo, com a *red pill*, com os *chans* e demais termos do universo masculinista.

O terceiro subgrupo masculinista – e último analisado aqui – que ganhou visibilidade nos espaços virtuais brasileiros são os *MGTOWs*, estes tiveram uma ascensão nas buscas *on-line* a partir de 2018/2019. Ao analisar como os *sites* e portais virtuais noticiam ou abordam questões relacionadas a este subgrupo masculinista, observa-se tentativas de explicar o que é e quem são esses indivíduos, informações sobre o posicionamento sectarista e de desprezo às mulheres que rondam estas comunidades e também denúncias acerca da misoginia e do machismo empregados nos núcleos virtuais de *MGTOWs*.

Assim, as mídias e os veículos virtuais de comunicação quando publicam sobre o masculinismo – e sobre as comunidades digitais da machosfera – parecem tratar esse fenômeno social como algo recente e nichado, trazem informações acerca dos significados e dos conteúdos que estão presentes na machosfera, do caráter sectário e virtualmente isolado dos grupos masculinistas e alertam sobre a misoginia, o machismo e os discursos de ódio que estão intrínsecos a essa ideologia. Por mais que os espaços midiáticos, em geral, façam críticas, alertas e denúncias sobre o tom violento e intolerante que essas comunidades masculinistas oferecem, isso não parece ter efeito suficiente para frear o avanço do masculinismo no Brasil.

Um aspecto importante para observar é como o masculinismo – e os seus subgrupos – passam a ter maior atenção e visibilidade no cenário público, especialmente após o ano de 2018. Tal fato parece corroborar com a argumentação de Amato e Fuchs (2022), as autoras informam que a ascensão da extrema-direita política no Brasil – que utiliza, principalmente, de redes sociais para promover uma guerra cultural, espalhar teorias conspiratórias e hostilizar opositores políticos – alimentou (e nutriu) estes subgrupos virtuais pautados em discursos de ódio e violência. E o contrário também parece verdadeiro: as comunidades de supremacistas masculinos fomentam o cenário político da direita radical.

Como ficou evidenciado nesta seção, as comunidades e grupos masculinistas resistem e conquistam espaços nas redes sociais, nas plataformas digitais e no cenário midiático – estourando a bolha da machosfera e ganhando relevância no debate público. Espera-se que, até aqui, tenha sido possível situar o/a leitor/a no contexto, no desenvolvimento e nas reflexões teóricas sobre o fenômeno do masculinismo e tudo que o envolve. Compreender a

mentalidade, o *modus operandi* e as lógicas internas desses subgrupos se torna fundamental para descortinar a falácia de "defensores dos direitos dos homens" e evidenciar que, na realidade, eles buscam manter o poder e a supremacia masculina. Na próxima seção, pretende-se compilar os principais achados deste trabalho de modo mais conclusivo e fornecer elementos para reflexões futuras.

6. Considerações finais

É importante situar o/a leitor/a acerca de alguns achados acadêmicos que exploram a relação entre o homem e a construção da masculinidade, ou seja, compreender como e quais elementos fazem parte da constituição da identidade masculina nos homens. Após essa breve reflexão, será possível conectá-lo ao tema do trabalho. Dessa forma, discuto brevemente a socialização masculina, a masculinidade hegemônica e a violência e, em seguida, explico como esses conceitos se relacionam com o masculinismo.

No processo de incorporação social da masculinidade, o homem tenta se distanciar ao máximo de qualquer elemento, prática ou atividade associada ao feminino e também se esforça para ter a sua masculinidade validada por outros homens. Por esse motivo, em interação uns com os outros, os homens estão constantemente tentando demonstrar virilidade, performance sexual, heterossexualidade, aptidão física, capacidade competitiva, sucesso econômico e profissional, competência para superar situações de risco, entre outros. Esses são mecanismos para (re)afirmar a sua suposta superioridade social de gênero, de ser reconhecido por seus pares masculinos e de demarcar a sua oposição ao feminino (Badinter, 1993; Zanello, 2022). Assim, ao refletir sobre a categoria homem e sua "natural masculinidade", é possível falar de uma identidade que se estabelece como oposta e que produz dinâmicas desiguais de poder em relação ao "outro" – o feminino (Badinter, 1993).

Corroborando com a argumentação anterior, os sociólogos Connell e Messerschmidt (2013) destacam que a masculinidade hegemônica é uma categoria de identidade que se estabelece em oposição às diferenças. Não ter útero, não se comportar de modo feminino e não ser homossexual são elementos importantes para ser validado como homem. Dessa forma, o sexismo, a misoginia e a homofobia desempenham papéis fundamentais na construção da masculinidade ocidental, seguindo os modelos tradicionais. Masculinidade que se coloca como diferente e superior às outras identidades sociais. Ao "homem de verdade" cabe o papel de dominar tanto as mulheres quanto os demais homens percebidos como subalternizados⁴⁶.

⁴⁶ Homens são atravessados por outros marcadores sociais que vão influenciar na constituição das suas masculinidades, fatores como: classe, raça/etnia, nacionalidade, sexualidade, identidade de gênero (cisgênero/transgênero); todas são categorias que afetam a expectativa, a concepção e a construção do "ser homem". Por isso, o termo "masculinidades subalternas" advém desses indivíduos que, possuindo outros marcadores sociais que os afastam da figura masculina idealizada, são colocados em posições mais distantes do topo das hierarquias, das esferas de poder e dos privilégios sociais (Connell e Messerschmidt, 2013; Zanello, 2022). Isso quer dizer que homens que correspondem à masculinidade hegemônica exercem poder sobre as mulheres e também sobre os homens subalternizados.

De acordo com a antropóloga Grossi (2004), a relação entre masculinidade e agressividade é intrínseca nas sociedades ocidentais. Aprender a ser homem – e incorporar a masculinidade – é lidar com processos de violência⁴⁷, seja como agressor ou vítima. A violência também pode ser empregada como um recurso para resguardar a honra ou a dignidade masculina.

Para a autora, a honra masculina está interligada às mulheres. Tornar-se um homem honrado está associado à capacidade de controlar mulheres, ou seja, de submetê-las aos papéis sociais tradicionais de feminilidade. Para ser considerado um "homem de respeito", é necessário estar no comando de uma "mulher de respeito, uma mulher recatada, controlada e pura" (*Ibid.*, p. 12). Aquelas que rejeitam ou rompem com essa lógica e expectativa de domínio patriarcal representam uma ameaça à honra masculina. Dessa forma, o homem ferido em sua honra – e masculinidade – acredita que pode restaurar seu suposto domínio sobre a mulher por meio do exercício da violência.

Em sua origem, o movimento masculinista tinha como proposta criar novas identidades masculinas mais adequadas à realidade apresentada no final do século XX. Em um segundo momento, transformou-se em um movimento reacionário, antifeminista e conspiracionista. Para recuperar a masculinidade em crise e resgatar os supostos direitos perdidos, os masculinistas avançaram (e continuam avançando) em uma ofensiva contra as conquistas políticas e sociais das mulheres e em oposição aos movimentos feministas. Declaram uma guerra aberta ao gênero feminino e tentam restaurar uma masculinidade mítica.

O masculinismo ganha maior aderência com advento da *internet*, naquilo que ficou conhecido como "machosfera". A socióloga Bárbara (2018) parece sintetizar bem o estado da arte que se encontra esses núcleos virtuais masculinistas:

O frequentador típico da machosfera acredita que viveríamos em um mundo que gira ao redor das mulheres – uma ginocracia, no qual a própria masculinidade está em crise. Tais crenças interessam aos estudos da ignorância, na medida em que sua persistência envolve a reprodução de concepções preconceituosas e, não raro, de teor misógino, que vilanizam as mulheres em geral, e as feministas em particular – elas são as grandes culpadas pelos problemas que presentemente afetariam os homens, na imaginação deles (p. 16).

Este trabalho de observação e compreensão da machosfera – e de suas variações em subgrupos – demonstrou como essa vertente ideológica é uma atualização, no ambiente

⁴⁷ Basta imaginar alguns cenários sociais cotidianos em que os homens estão em maioria, tais como: as brigas em arquibancadas de futebol, os conflitos entre meninos nas escolas ou as violências que ocorrem dentro das penitenciárias masculinas.

digital, de padrões previamente encontrados na masculinidade hegemônica. Conforme demonstrado por Grossi (2014), as violências e os assassinatos contra as mulheres são frequentemente justificados pelos homens como formas de garantir e defender sua própria honra e dignidade masculina. Na *internet*, os masculinistas parecem seguir a mesma fórmula: para (re)afirmar a sua masculinidade de domínio, promovem uma virada de ódio e violência contra as mulheres que não desejam mais ser subjugadas e controladas.

É por isso que mulheres que exploram de maneira mais livre a sua própria sexualidade, que decidem ter maior autonomia e poder de escolha sobre as suas vidas, e que participam de movimentos organizados em busca de cidadania e direitos civis, tornam-se alvos preferenciais dos ataques de ódio promovidos pelos masculinistas.

As violências praticadas por esses homens nas terras da *internet* são variadas e ocorrem em diferentes níveis de gravidade, tais como: exposição de imagens sem consentimento, publicação de informações privadas, difamação contra as mulheres, perseguição virtual (*stalking*), ameaças realizadas em ambiente digitais e incitação a atos criminosos – como a violência física, o feminicídio e os ataques em massa. Há um conjunto variado de atos violentos – e também criminosos – cujo objetivo é degradar, humilhar e expor as mulheres, seja no coletivo ou individualmente. Assim, a passividade das empresas responsáveis pelas redes sociais e plataformas virtuais, permitindo a existência de núcleos virtuais como a machosfera, torna a *internet* um espaço potencial e efetivo de ataques contra a integridade física e/ou psicológica das mulheres.

Todo o discurso de vitimização masculina proposto pelos masculinistas – como a suposta perda de direitos civis básicos, a perseguição de suas identidades e o Estado ginocêntrico – parece querer dissimular ou ocultar o real sentido de suas ações violentas e práticas discriminatórias. O culto e o desejo pelas formas tradicionais de dominação patriarcal é a principal força motriz tanto da machosfera quanto do ativismo masculinista.

O diferencial da machosfera parece residir na criação de um ambiente em que homens transitam por comunidades virtuais e se sentem completamente confortáveis para expressar abertamente sentimentos de ódio, intolerância e discriminação em relação aos "outros". Se, conforme Grossi (2004) afirma, a violência é fundamental para construção e manutenção da chave homem-masculino, é na machosfera que os masculinistas (re)atualizam a sua masculinidade – lançando mão das violências digitais. Nestes ambientes virtuais, os usuários parecem estar em coletivo acariciando e validando as masculinidades uns dos outros.

Neste agrupamento de homens que enfrentam crises de identidade, estão frustrados com suas vidas pessoais e enfurecidos com a sociedade contemporânea, encontram-se

também os influenciadores masculinistas. Esses influenciadores descobriram maneiras de lucrar financeiramente com outros homens inseguros, vendendo uma "nova masculinidade" e, ao mesmo tempo, agravando discursos que desqualificam e desumanizam as mulheres.

Não estou sugerindo que os influenciadores masculinistas não acreditam no que vendem ou que não são adeptos reais do masculinismo, estou destacando que estes homens identificaram um nicho lucrativo dentro de suas próprias crenças ideológicas. Vendem a si mesmos – ou os seus produtos – como soluções das angústias masculinas. Nas produções destes influenciadores, a misoginia se transforma em uma violência lucrativa.

Por fim, vale mencionar que o movimento masculinista brasileiro não aparentou, em minha pesquisa, constituir um grupo organizado e coeso que tenha pretensões de alçar e disputar o cenário público, como um movimento social mais estruturado. Porém, como mencionado, os frequentadores de subgrupos masculinistas comumente apresentam perfis e opiniões políticas conservadoras e alinhadas à extrema-direita. Dessa forma, o masculinismo é uma ideologia violenta e supremacista que retroalimenta movimentos sociais e projetos políticos com ideais totalitários e antidemocráticos.

7. Referências bibliográficas

ÁLVARES, Cláudia. **Pós-feminismo, misoginia online e a despolitização do privado.** *Media & Jornalismo (revista online)*, v. 17, n. 30, 2017, p. 99-110. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/2183-5462_30_7>. Acesso em: nov./2023.

AMATO, Bruna; FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt. **Discursos de ódio, de gênero e subjetivação: articulações entre masculinismo e extrema-direita.** Editora Científica Digital (on-line). v. 01, 2022, p. 79-92. Disponível em: <<https://www.editoracientifica.com.br/artigos/discursos-de-odio-de-genero-e-subjetivacao-articulacoes-entre-masculinismo-e-extrema-direita>>. Acesso em: nov./2023.

ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. **"A culpa é toda delas": analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil.** *Revista Iberoamericana de Psicologia (RIBPSI)*, v. 02, n.01, 2021, p. 48-68. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577>>. Acesso em: nov./2023.

ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra de; NASCIMENTO, Vital Fabrício do; GONÇALVES, Catarina Carneiro. **Desengajamentos morais na associação entre jogos eletrônicos e o massacre de Suzano.** *Revista Educare (on-line)*, v. 08, 2023, p. 01-36. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/educare/article/view/67300>>. Acesso em: nov./2023.

ARONOVICH, Lola. **A trajetória e resistência do “Escreva, Lola, Escreva”.** *Estudos Feministas (revista on-line)*, v. 30, n. 02, 2022, p. 01-13. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286981>>. Acesso: out./2023.

ARONOVICH, Lola. **Lola Aronovich: O assassinato de Sol não é caso isolado.** *Carta Capital (site)*, 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lola-aronovich-o-assassinato-de-sol-nao-e-caso-isolado/>>. Acesso em: nov./2023.

ARONOVICH, Lola. **Massacre de Suzano, um crime anunciado.** *Escreva, Lola, Escreva (blog)*. 14 de março de 2019. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/03/massacre-de-suzano-um-crime-anunciado.html>>. Acesso em: nov./2023.

BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a identidade masculina.** Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 266p.

BÁRBARA, Lenin Bicudo. **Investigações sobre a ignorância humana: uma introdução aos estudos da ignorância, acompanhada de um exame sociológico sobre a persistência da homeopatia e consolidação do masculinismo ontem e hoje.** Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo: USP, 2018, 861 p. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-25022019-111051/pt-br.php>>. Acesso em: dez./2023.

BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. **Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1.** *Libero (revista on-line)*, n. 48, 2021, p. 51-72. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445>>. Acesso em: out./2023.

BRASIL. **Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Relatório (*on-line*). Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2023, 138 p. Disponível em: <<https://site.mppr.mp.br/crianca/Noticia/Relatorio-de-Ataque-Escolas-no-Brasil-analise-do-fenomeno-e-recomendacoes-para-acao>>. Acesso em: out./2023.

BRASIL. **Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996**. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Diário Oficial da União (D.O.U), 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm>. Acesso em: nov./2023.

BRASIL. **Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003**. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Diário Oficial da União (D.O.U), 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.778.htm>. Acesso em: nov./2023.

BRASIL. **Operação Intolerância da PF prende responsáveis por site racista, sexista e homofóbico**. MDH (Gov.br), 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/ultimas_noticias/2012/03/22-03-operacao-intolerancia-da-pf-prende-responsaveis-por-site-racista-sexista-e-homofobico>. Acesso em: nov./2023.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. 230p

CONNELL, Raewyn. MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 01, 2013, p. 241-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: dez./2023.

DECLERCQ, Marie. **Nos chans, se celebra o massacre na escola de Suzano**. Vice (*site*). 13 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano>>. Acesso em: nov./2023.

FERRAZ, Claudia Pereira. **A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online**. Aurora (revista on-line), v. 12, n. 35, 2019, p. 46-69. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/44648>>. Acesso em: out./2023.

FRANCO, César Bueno. **"Como conquistar mulheres?" Masculinidade e subjetivação em uma comunidade virtual**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Curitiba: UFPR, 2015, 204 p. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38321>>. Acesso em: nov./2023.

FRANCO, César Bueno. **Os "artistas da sedução": entre métodos e técnicas. Uma masculinidade**. Sociologia Plurais (*revista on-line*), 2014, p. 146-164. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/scplpr.v2i2e.64809>>. Acesso em: nov./2023.

FUTRELLE, David. **When a Mass Murderer Has a Cult Following**. *The Cut* (*on-line*), 27 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.thecut.com/2018/04/incest-meaning-rebellion-alex-minassian-elliott-rodger-reddit.html>>. Acesso em: nov./2023.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: uma revisão teórica**. In: Antropologia em primeira mão (UFSC), v. 75, 2004, p. 01-37. Disponível em: <<https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. dez./2023.

GROSSO, Francisco Andolfato. **Extrema Direita e o Tribalismo Masculino: O Pensamento de Jack Donovan**. Trabalho de Conclusão de Curso (PUC-SP), 2022, 27 p. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27793>>. Acesso: out./2023.

HERRERA, Mauricio Zabalgoitia. **Retóricas del meme masculinista. Universidad digital y antifeminismo en tiempos de pandemia**. Mitologías hoy (revista on-line), v. 25, 2022, p. 68-90. Disponível: <<https://doi.org/10.5565/rev/mitologias.834>>. Acesso em: out./2023.

IGORDAO, Elliot Rodger (vídeo). *YouTube*. 17 de dezembro de 2020, 45m23s. Disponível em: <https://youtu.be/cTmNbOo5oHE?si=GME_cObZv8TtxvpB>. Acesso em: out./2023.

INSTITUTO AVON. **Misoginia e violência contra mulheres na internet: Um levantamento sobre fóruns anônimos**. Infográfico, 2023. Disponível em: <<https://institutoavon.org.br/estudo-do-instituto-avon-traz-dados-sobre-misoginia-e-violencia-contra-mulheres-na-internet/>>. Acesso em: out./2023.

JONES, Callum, TROTT, Verity; WRIGHT, Scott. **Sluts and soyboys: MGTOW and the production of misogynistic online harassment**, *New Media & Society*, v. 22, n. 10, 2019, p. 1903-1921. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1461444819887141>>. Acesso em: nov./2023.

KIMMEL, Michael Scott. **Angry White Man: American Masculinity at the End of an Era** (*e-book*). New York: Nation Book (Bold Type Books), 1ª edição, 2013.

MIKANNN. **ABC das Minas com Mikannn - GamerGate** (vídeo). *Hysteria (YouTube)*. 24 de abril de 2018, 7m36seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n6fog6irZ4>>. Acesso em: nov./2023.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. **O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital**. Tradução: Danilo Pedrini. *Parágrafo* (revista on-line), v. 3, n. 2, 2015, p. 91-111. Disponível em <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>>. Acesso em: out./ 2023.

MOREIRA, Lucas. **Masculinidade genealógica e o "viking" do capitólio: Reflexões sobre virilidade e política**. *Novos Debates* (revista on-line), v. 07, n. 01, 2021, p. 02-12. Disponível em: <<http://novosdebates.abant.org.br/v7-n1-2021/>>. Acesso em: out./2023.

NASCIMENTO, Marcos. **Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades**. In: De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil [organizadores Marcio Caetano e Paulo Melgaço da Silva Junior], Rio de Janeiro: Lamparina, p. 16-27, 2018.

NETFLIX. **Why The Matrix Is a Trans Story According to Lilly Wachowski** (video). *YouTube*, 04 de agosto de 2020, 04m29seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=adXm2sDzGkQ>>. Acesso em: nov./2023.

OLIVEIRA, Fábio Alves Gomes; ASSUMPCÃO, Ana Paula; AMARAL, Fernando Ziderich. **O masculinismo como uma estratégia de invasão: um ensaio crítico**. *O Social em Questão*

(revista on-line), n. 55, 2022, p. 145-176. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_OSQ.php?strSecao=Artigos&secao=11&FASC=61686&nrSeqCon=61484>. Acesso em: out./2023.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. **Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual**. TECCOGS (revista on-line), n. 21, 2020, p. 196-212. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/51740>>. Acesso em: out. 2023.

RÜDIGER, Sofia; DAYTER, Daria. **Manbragging online: self-praise on pick-up artists forums**. Journal of Pragmatics, v. 161, 2020, p. 16.27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2020.02.012>>. Acesso em: nov./2023

RUFFO, Emanoella dos Santos. **O fenômeno contemporâneo dos incels: uma investigação psicanalítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Maringá: UEM, 2021, 118 p. Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/teses-e-dissertacoes-recuperadas/emanoella-1>>. Acesso em: nov./2023.

SALOJÄRVI, Eero; RANTANEN, Matti; NIEMINEN, Emilia; JUOTE, Alina; HANHELA, Heidi. **The "Incel" Phenomenon in the Digital Era – How Echo Chambers have Fueled the Incel Movement**. In: Computational Transformation of the Public Sphere. Universidade de Helsinque: Finlândia, 2020, p. 195-210. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/SALTIP>>. Acesso em: nov./2023.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto de radicalização política no Brasil**. Tese de Doutorado (PUC-MG), Belo Horizonte: PUC Minas, 2023, 240 p. Disponível em: <<https://web.sistemas.pucminas.br/BDP/PUC%20Minas/Home/Visualizar?seq=1F1530577D6D5382BA593D70E59885EA>>. Acesso em: nov./2023.

SILVA, Robson Pereira; CAPELOZI, Lays; COSTA, Grace Campos. **A machocracia na formação da personalidade autoritária no Brasil: a partir da série “Extremistas.Br” (2022)**. Revista Territórios e Fronteiras, v. 16, n. 1, p. 10–37, 2023. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/1277>>. Acesso em: nov. 2022.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares; MIRANDA, Marcelo. **Experiência estética e desestabilizações das masculinidades no teatro brasileiro moderno e contemporâneo**. In: De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil [organizadores Marcio Caetano e Paulo Melgaço da Silva Junior], Rio de Janeiro: Lamparina, p. 43-64, 2018.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER (SPLC). **Male Supremacy**. SPCL Center (*site*). Disponível em: <<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/male-supremacy>>. Acesso em: nov./2023.

STACKZ/ GUSTAVO PINHEIRO. **O incel que pirou** (vídeo). *YouTube*. 18 de março de 2022, 22m47s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oAwjJq3CSs4&t=5s&pp=ygUWZ3VzdGF2byBwaW5oZWlybyBpbmNlIA%3D%3D>>. Acesso em: out./2023.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1ª edição, 1998, 236 p.

VALENTE, Mariana. **Misoginia na internet: uma década de disputa por direitos**. São Paulo: Fósforo, 2023, 272 p.

VILAÇA, Gracila; & D'ANDRÉA, Carlos. **Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas**. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 02, 2021, p. 410-440. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>>. Acesso em: out./2023.

VOKS, Douglas Josiel. **Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira**. Revista Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 37, 2021, p. 02-22. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/?lang=pt>>. Acesso em: nov./2023.

ZANELLO, Valeska. **Prateleiras do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1ª edição, Curitiba: Appris, 2022, 144 p.

7.1 Arquivos e *links* de masculinistas mencionados neste trabalho:

ALMEIDA, Thiago de. **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois**. Volume 02, São Paulo: PoloBooks, 2014. 302 p.

ATTITUDE ALFA. **Explicando sobre a Blue Pill, Red Pill, Purple Pill e Black Pill** (vídeo). *YouTube*. 17 de novembro de 2020, 20m29seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6IZAjoekF6A>>. Acesso em: nov./2023.

COLMEIA. **O que é MGTOW? Orlando Costa** (vídeo). *YouTube*. 01 de outubro de 2022. 1m51seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9kXZtsDe8s>>. Acesso em: nov./2023.

COSTA, Guilherme Alves. **Meu Dicionário** (*on-line*). 2021, 52 p.

HERTZOG, Wagner. **A ditadura ginocêntrica ocidental**. Instituto Rothbard Brasil (*site*), 09 de maio de 2022. Disponível em: <<https://rothbardbrasil.com/a-ditadura-ginocentrica-ocidental/>>. Acesso em: out./2023.

IRONWOOD, Ian. **The Manosphere: A New Hope For Masculinity** (*e-book kindle/Amazon*). 2013.

MATRIX SEM MÁSCARAS. **O que é a cultura do ginocentrismo?**. Matrix Sem Máscara (*blog*), 25 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://matrixsem mascarar.home.blog/2020/09/25/o-que-e-a-cultura-do-ginocentrismo/>>. Acesso em: out./2023.

MUNDO PICK-UP ARTIST. **Quero ser um PUA**. Mundo Pick-Up Artist (*blog*). Disponível em: <<https://mundopickupartist.wordpress.com/quero-ser-pua/>>. Acesso em: nov./2023.

RODGER, Elliot. **My Twisted World: The Story Of Elliot Rodger** (*e-book*), 2014, 137 p. Disponível: <<https://www.documentcloud.org/documents/1173808-elliott-rodger-manifesto>>. Acesso em: out./2023.

ROLLO, Tomassi. **The Rational Male: Positive Masculinity** (*e-book*), 2013.

SENHOR SALDANHA. **Quando a mulher termina e quer voltar, é por isso** (vídeo). *YouTube*, 26 de julho de 2023, 0m59seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DIGxnaZUPfU&list=WL&index=1>>. Acesso em: nov./2023.